

adf

AFRICA DEFENSE FORUM



PRESERVANDO A PAZ

Forças Militares Adoptam Estratégias para Silenciar as Armas

O Desafio da Reintegração de Crianças-Soldados

Acção Civil-Militar Ajuda a Construir a Segurança no Mali

PLUS

Uma Conversa com o Comandante da Força Terrestre da Etiópia

VISITE-NOS ONLINE: ADF-MAGAZINE.COM

reportagens

8 Os Blocos de Construção da Unidade
O comandante da força terrestre da Etiópia aponta o profissionalismo, a diversidade e a separação da política como reformas fundamentais.

14 Uma Revolução em Processo
Anos depois da Primavera Árabe, algumas nações ainda lutam para alcançar plenamente o crescimento e o Estado de Direito.

20 Comercializar Armas por Ambição
Pequenos negócios podem ajudar a estabilizar a Líbia e dar esperança aos antigos combatentes.

24 Unidos no Mar
Um amplo exercício naval incorpora forças africanas.

28 Construindo Confiança
As forças de segurança acreditam que projectos civis-militares no Mali levarão a uma melhoria da segurança.

34 Reintegrando Antigos Extremistas
Uganda dá lições sobre como reabilitar antigos combatentes inimigos, incluindo aqueles sequestrados quando crianças.

38 Os Filhos da Arma
O fim do uso de crianças-soldados exigirá um compromisso sustentado com a reintegração.

44 Um Enigma Mortal
A ideologia que impulsiona as Forças Democráticas Aliadas na essência continua um mistério.

50 'Empilhamento Étnico'
Estimula Golpes de Estado
À medida que os líderes se apegam ao poder, muitas vezes, eles recorrem a antigas lealdades.

54 A Venda Ajuda a Colocar Olhos no Céu
O acordo envia helicópteros americanos para as Forças de Defesa do Quênia.

4 Pontos de Vista

5 Perspectiva Africana

6 África Hoje

26 Batimento Cardíaco Africano

56 Cultura e Desporto

58 Perspectiva Internacional

60 Defesa e Segurança

62 Caminhos da Esperança

64 Crescimento e Progresso

66 Retrospectiva

67 Onde Estou?



**A Africa Defense Forum
está disponível online.**

Visite-nos em:
adf-magazine.com



NA CAPA:

À medida que muitas nações africanas saem do conflito, os líderes estão agora a estudar estratégias para garantir a paz. Esta edição explora o que os profissionais de segurança podem fazer para garantir estabilidade a longo prazo.

ILUSTRAÇÃO DA ADF

Os conflitos modernos raramente terminam com a assinatura de um tratado ou uma rendição formal. Alguns grupos insurgentes lutam até ao último suspiro, enquanto outros se escondem entre civis. Tensões étnicas podem perdurar por gerações depois de uma guerra. As disparidades no acesso ao poder ou aos recursos estatais tornam possível o regresso à violência.

A paz é frágil, mas as forças de segurança podem adoptar estratégias que estebleçam as bases para uma estabilidade duradoura.

Muitos países constataram que o primeiro passo mais eficaz após o combate é oferecer esperança aos antigos combatentes. Programas para desarmar, desmobilizar e reintegrar combatentes (DDR) têm feito a diferença em lugares como Uganda, Libéria e Angola. Na Líbia, os profissionais de DDR esperam que a oferta de formação profissional e de financiamento para criar pequenas empresas atraia os membros da milícia a baixarem as armas e seguirem um novo caminho.

Os militares também consideram a reforma do sector de segurança como uma forma de melhorar. Ao longo do tempo, alguns militares tornam-se demasiado gordos para serem eficazes e precisam de ser dispensados. Em outros casos, os militares tornam-se enclaves de um grupo étnico e devem ser reformados para incluir soldados de diversas origens. Às vezes, os militares exigem um foco renovado na ética, nos direitos humanos e no Estado de Direito para recuperarem a legitimidade. Nos países que enfatizam o profissionalismo e o avanço baseado no mérito, fica mais fácil manter a paz.

Os programas civis-militares também podem ser uma ferramenta eficaz de construção da paz. Esses programas podem ser tão complicados quanto construir uma nova ponte, tão urgentes quanto responder a um desastre natural ou tão simples quanto organizar um torneio de futebol. Às vezes, tudo o que é necessário é que os soldados interajam com civis durante a patrulha e aprendam sobre as suas preocupações de segurança. Os programas civis-militares de todos os tipos ajudam os que têm necessidades e melhoram a imagem das forças armadas. Eles também minam o apoio aos grupos insurgentes que podem tentar recrutar combatentes entre os mais vulneráveis.

Os soldados sabem que a alegria de vencer uma guerra será curta se não houver um plano para garantir a paz. Os líderes militares devem procurar estratégias novas e inovadoras de construção da paz para garantir que não se volte ao conflito armado. Essas abordagens não tradicionais podem ser difíceis de institucionalizar, mas produzem ganhos imensos se forem aplicadas correctamente. Alguns dos esforços de segurança mais eficazes durante o período de paz exigem menos esforço.

Comando Africano dos Estados Unidos

Um soldado sul-sudanês carrega uma caixa contendo formulários da Comissão Conjunta de Cessar-Fogo Militar. A comissão está a seleccionar soldados, membros da oposição e outras pessoas para serem treinados para a força militar unificada do Sul do Sudão. REUTERS



Garantindo a Paz

Volume 13, 2º Trimestre

COMANDO AFRICANO
DOS ESTADOS UNIDOS



CONTACTOS:

U.S. AFRICA COMMAND

Attn: J3/Africa Defense Forum
Unit 29951
APO-AE 09751 USA

ADF.Editor@ADF-Magazine.com

HEADQUARTERS U.S. AFRICA COMMAND

Attn: J3/Africa Defense Forum
Geb 3315, Zimmer 53
Plieningen Strasse 289
70567 Stuttgart, Germany

Africa Defense Forum (ADF) é uma revista militar profissional que serve como um fórum internacional para militares e especialistas em segurança em África. As opiniões expressas nesta revista não representam necessariamente as políticas ou pontos de vista deste comando ou de qualquer outra agência governamental dos EUA. Certos artigos são escritos pela equipa do ADF, e os créditos para outros conteúdos são anotados conforme for necessário. A secretaria de defesa determinou que a publicação desta revista é necessária para difundir assuntos de natureza pública exigidos por lei ao Departamento de Defesa.

Mulheres Desempenham um Papel na ‘Paz, Coesão e Desenvolvimento’



Julius Maada Bio, presidente da Serra Leoa, discursou durante o desfile de juramento à bandeira e cerimônia de comissionamento de oficiais cadetes do sexo feminino e recrutas no Centro de Treinamento das Forças Armadas, Benguema Barracks, em Waterloo, Serra Leoa, no dia 7 de Setembro de 2019. O seu discurso foi editado para se adequar a este formato.



Bio comissiona 60 cadetes oficiais do sexo feminino e 272 recrutas do sexo feminino no Centro de Formação das Forças Armadas.

GABINETE DO PRESIDENTE



Desde 1978 e 1979, quando 10 cadetes oficiais do sexo feminino e 64 recrutas se alistaram

nas Forças Armadas da República da Serra Leoa (RSLAF), mais mulheres se voluntariaram para servir. Mostraram-nos, por mais de 40 anos de serviço dedicado ao país, valor incomum, coragem, adaptabilidade, altruísmo e liderança. Elas cumpriram a promessa de defender e proteger esta terra que amamos.

Elas desafiaram as restrições tradicionais, lutaram contra estereótipos e tratamento desigual, perseveraram e prevaleceram.

Quando o meu governo, em conjunto com o Reino Unido e a Equipa de Assessoria para a Segurança Internacional, lançou este recrutamento especial de mulheres, foi porque acreditávamos que expandir a presença e o papel das mulheres no sector da segurança nacional é bom para a nossa paz, coesão e desenvolvimento nacional, e bom para o nosso papel crescente nas operações internacionais de manutenção da paz e apoio à paz em todo o mundo.

A intenção inicial era recrutar apenas 50 cadetes oficiais e 250 recrutas — um

total de 300. Acabamos por recrutar 332 [60 cadetes oficiais e 272 recrutas] por causa do alto calibre das candidatas e pela sua distinção no processo de recrutamento.

Vocês entram nas RSLAF num momento de mudança progressiva. Internacionalmente, as RSLAF estão comprometidas com operações de manutenção da paz e apoio à paz em vários países do mundo. A nível interno, o papel das RSLAF evoluiu consideravelmente de um papel tradicional de segurança das fronteiras para ser um verdadeiro parceiro no desenvolvimento.

Como comandante-em-chefe, permitam-me recebê-las formalmente nas RSLAF. Permitam-me também que vos assegure que estão a entrar nesta nobre instituição numa altura em que há cada vez mais oportunidades para o pessoal de serviço feminino em termos de progressão na carreira, desenvolvimento educacional e participação em operações globais de apoio à paz.

Permitam-me que vos recorde também das vossas responsabilidades. O juramento de fidelidade significa que concordaram em submeter-se ao escrutínio público como soldado dentro e fora do serviço. Vocês juraram respeitar, defender e

proteger a constituição nacional da República da Serra Leoa e obedecer a todas as ordens legais de qualquer superior colocado acima de vocês sem questionamento.

Vocês não se devem envolver em políticas partidárias ou em discussões político-partidárias. Como soldados profissionais, não se deixem influenciar indevidamente por políticos, independentemente das vossas relações pessoais ou outras afinidades indevidas com eles. Vocês servem a República da Serra Leoa e não aos interesses ou ambições pessoais de ninguém.

Por último, para vocês, nossos novos soldados, acabam de prestar juramento perante uma das melhores tradições e instituições militares — uma que lapidou e moldou patriotas, homens e mulheres que lutaram e fizeram o sacrifício final pela nossa nação na guerra e na paz. Continuemos a defender a paz, a unidade, a liberdade e a justiça do nosso país, porque somente temos esta única Serra Leoa.

17

RINOCERONTES- NEGROS

SUL-AFRICANOS TRANSFERIDOS PARA O MALAWI

AFP/GETTY IMAGES

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

O Malawi recebeu 17 rinocerontes-negros da África do Sul no âmbito de um programa para reabastecer as espécies que morreram temporariamente naquele país da África Austral, na década de 1980.

A African Parks, uma instituição de caridade liderada pelo Príncipe Harry, da Grã-Bretanha, disse que a operação começou com uma viagem de oito horas da reserva de caça Ezemvelo KwaZulu-Natal Wildlife, na África do Sul. Os rinocerontes foram então libertos no Parque Nacional Liwonde, no sul do Malawi, onde as tropas britânicas estão a treinar guardas na luta contra a caça furtiva.

“Esta é uma das maiores translocações internacionais de rinocerontes-negros até à data”, aponta uma declaração de Peter Fearnhead, da African Parks, que reabilita e gere cerca de uma dezena de parques em 10 países.

A operação foi realizada em conjunto com o World Wildlife Fund South Africa e os governos do Malawi e da África do Sul.

“A nossa visão compartilhada é fortalecer as populações de rinocerontes existentes no Malawi e apoiar os esforços

regionais para conservar esta espécie criticamente ameaçada”, disse Fearnhead.

Brighton Kumchedwa, director de vida selvagem e parques do Malawi, disse que a iniciativa reforçaria a população de rinocerontes, que morreu no Malawi em 1981 antes da reintrodução de quatro rinocerontes em 1993.

As autoridades do Malawi recusaram-se a declarar a actual população de rinocerontes, invocando razões de segurança.

Fearnhead disse que os rinocerontes recém-introduzidos seriam equipados com sensores GPS e que os animais seriam monitorados por vigilância aérea e patrulhas diárias.

Outrora abundantes em toda a África Subsaariana, os rinocerontes-negros sofreram pela primeira vez com a caça feita pelos colonos europeus. Mais tarde, os caçadores furtivos acabaram com eles; apenas 2.475 foram registados em 1993, de acordo com o World Wildlife Fund. Desde então, os esforços de conservação voltaram a elevar a população para cerca de 5.000.

SEGUNDA VACINA CONTRA O ÉBOLA INTRODUZIDA NA RDC

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

A República Democrática do Congo introduziu uma segunda vacina para combater uma epidemia de Ébola no Leste.

A nova vacina de duas doses, introduzida em Novembro de 2019, é produzida por uma subsidiária belga da Johnson & Johnson e deverá ser administrada a cerca de 50.000 pessoas ao longo de quatro meses. A fórmula é administrada em duas doses em intervalos de 56 dias.

Mais de um quarto de milhão de pessoas, muitas delas profissionais de

saúde da linha de frente, já foi vacinado com outra vacina contra o Ébola.

“Não substitui a primeira vacina; ela está a ser usada para complementá-la, especialmente em zonas onde não há casos de transmissão [de Ébola]”, disse Steve Akuha, coordenador do programa Médicos Sem Fronteiras.

A epidemia começou em Agosto de 2018 na província do Kivu do Norte antes de se espalhar para os vizinhos Ituri e Kivu do Sul.

É a décima epidemia de Ébola na

RDC e a segunda mais mortal já registada após um surto que atingiu a África Ocidental em 2014-16 e ceifou mais de 11.300 vidas.

Os esforços para combater o Ébola no leste da RDC foram dificultados pela violência das milícias e pela resistência local a medidas preventivas, instalações de cuidados e enterros seguros.

O vírus Ébola é transmitido pelo contacto com o sangue, fluidos corporais, secreções ou órgãos de uma pessoa infectada ou recentemente falecida.



Programa de Rádio da Nigéria Dá “Voz aos Sem Voz”

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

Todas as manhãs, uma multidão reúne-se à porta do estúdio da rádio de Ahmad Isah, na capital da Nigéria, Abuja, na esperança de partilhar os seus problemas através das ondas de rádio.

Para aqueles que esperam, o programa Brekete (que significa “muito grande” num pidgin inglês) Family de Isah, oferece uma rara oportunidade de tentar responsabilizar os funcionários.

Poucos são os sortudos que se fazem ouvir sobre questões que vão desde as suas lutas contra as autoridades até às necessidades médicas e aos pedidos de assistência financeira.

“O meu objectivo é dar voz aos que não têm voz, facilitar a arbitragem, expor os delitos e forçar aqueles que estão no poder a respeitar os direitos”, disse Isah, que é apelidado de “Presidente Simples.” “A inspiração é sobre justiça, bondade e apoio à humanidade.”

A professora Winifred Og ah veio tentar obter alguma compensação depois de dizer que um tribunal local leiloou erradamente o seu carro por ela não ter pago o aluguer da sua casa. “Tenho ouvido o programa e fiquei encorajada pela forma como os problemas de outras pessoas estavam a ser resolvidos.”

O programa tem uma lista de requisitos pelos quais as pessoas devem passar antes de poderem trazer os seus casos para resolução. Primeiro eles precisam depositar uma declaração no Tribunal Supremo da Nigéria em que juram que estão a dizer a verdade.

Isah insiste que o estilo combativo do programa de rádio teve resultados concretos, responsabilizando os funcionários. “Alguns deles nos vêem como uma ameaça”, disse ele. “Eles não gostam de nós. Expusemos vários casos de corrupção dos quais outras pessoas têm medo de se aproximar.”

O programa também procura dar assistência financeira a quem precisa com o apoio da Fundação MacArthur e a sua própria angariação de fundos.

Um dos beneficiários, Luis Kinta, disse que a rádio angariou 2 milhões de naira (US \$ 5.600) para impulsionar o seu negócio de calçados. “ Vim aqui sem conhecer ninguém”, disse. “A boa coisa é que o Presidente Simples ajuda sem conhecer a tribo, religião e afinidade daqueles que ele apoia.”

Ahmad Isah fala durante o seu programa de rádio Brekete Family em Abuja, Nigéria.

AFF/GETTY IMAGES

ESCOLA DE PROGRAMAÇÃO DE IA VISA ATACAR OS DESAFIOS DA AGRICULTURA

FUNDAÇÃO THOMSON REUTERS

O analista de dados, Fabrice Sonzahi, matriculou-se num curso de inteligência artificial (IA) em Dakar, Senegal, na esperança de ajudar os agricultores a melhorarem o rendimento das culturas na sua terra natal, a Costa do Marfim.

Faz parte de uma turma inaugural numa escola de programação de IA no Senegal, uma das primeiras da África Ocidental. As pessoas serão formadas para utilizarem os dados com vista a resolver questões como o impacto do clima nas culturas.

O Dakar Institute of Technology (DIT), que abriu em Setembro de 2019, organizou a sua primeira formação de 10 semanas com nove alunos, em parceria com a escola francesa de IA Vivadata.

“Estou convencido de que, analisando os dados, podemos dar [aos agricultores] melhores soluções”, disse Sonzahi.

Ele planeia trazer as suas habilidades de IA para a startup costa-marfinense, ATA Solution, que aconselha os agricultores sobre como maximizar recursos escassos, como terra e água.

A empresa já faz a colecta de dados, tais como pH do solo, temperatura e humidade, disse Sonzahi, que trabalha na startup como analista. Com a IA, esses dados poderiam ser processados para mostrar quando e onde os agricultores devem adicionar água ou fertilizante e ajudar a melhorar a sua compreensão das perdas de culturas, disse ele.

Os cientistas de dados em todo o continente estão a começar a experimentar a aprendizagem automática como uma ferramenta para ajudar os agricultores a lidar com o clima cada vez mais errático, como modelar a rota mais rápida para o mercado ou utilizar drones para detectar problemas nos campos.

O DIT planeia lançar uma licenciatura em grandes volumes de dados e um mestrado em IA, em 2020, cada um com 25 alunos.

Alunos participam num curso de programação de IA no Dakar Institute of Technology, no Senegal.

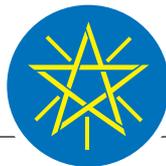
THOMSON REUTERS FOUNDATION





ILUSTRAÇÃO DA ADF

OS BLOCOS DE CONSTRUÇÃO *da Unidade*



O Comandante da Força Terrestre da Etiópia aponta o Profissionalismo, a Diversidade e a Separação da Política como Reformas Fundamentais

O Tenente-General Molla Hailemariam é comandante da força terrestre da Força de Defesa Nacional Etíope (ENDF). A sua carreira militar começou em 1981, quando se juntou à luta contra o regime de Derg, que governava o país. Depois do retorno da Etiópia ao governo civil em 1991, ele juntou-se aos novos militares como piloto e subiu para se tornar comandante da Força Aérea. Actuou como chefe de política e estratégia e chefe do sector de logística no Quartel-General da Defesa. Ele também comandou as Forças Especiais antes de ser promovido a comandante da força terrestre em 2019. Ele falou com a ADF durante a Cimeira das Forças Terrestres Africanas em Addis Abeba, um evento que a Etiópia foi co-organizador com o Exército dos Estados Unidos para África. A entrevista foi editada para se adequar a este formato.

ADF: A ENDF vem passando por uma reforma do sector de segurança para elevar os padrões de profissionalismo nos militares. Quais são os objectivos deste esforço de reforma?

Tenente-General Molla: Em África, o que enfrentamos é que a maioria dos sistemas de segurança é afiliada a partidos políticos. Isto não cria um ambiente propício à democracia. O foco principal da reforma na Etiópia é tornar os militares imparciais.

Tradicionalmente na Etiópia, a instituição de defesa tem sido associada a alguns partidos políticos. Mas a Constituição deixa claro que a força de defesa deve estar livre de qualquer influência política. Aconteceu algumas vezes no passado. Não intencionalmente, mas aconteceu.

O governo deixou bem claro que as instituições de defesa devem estar livres da influência de qualquer partido político. Isto reforçou o ambiente democrático do nosso país.

Estamos também focados na construção da imagem do nosso sector de defesa. Queremos torná-lo mais atractivo para a juventude e mais confiado pela nação. Temos uma boa tradição nas forças de defesa etíopes que até interagimos com a comunidade. Isso constrói a confiança.

Nos últimos anos, passámos por uma crise política, que foi muito desafiadora para os militares. Agora estamos quase a sair dela. O que queremos fazer é aumentar a aceitação e a confiança do público para que possamos atrair bons cidadãos para se juntarem às forças de defesa.

ADF: Poderá a ENDF ser uma força unificadora na Etiópia, ultrapassando barreiras étnicas, religiosas e regionais?

Tenente-General Molla: Sim, é um modelo. Abordar a diversidade e construir a unidade é uma prioridade. No país enfrentamos tumultos, agitação civil e confrontos étnicos, mas a força de defesa é realmente respeitada e

aceite por todas as etnias dentro da nação. É por isso que quando alguma agitação vai além da capacidade da polícia, a defesa é solicitada para ajudar a polícia regional ou as forças especiais regionais. Isso faz a diferença.

A evidência é que é importante que a força de defesa seja diversificada. Se ela cumprir a sua missão de forma justa, ela oferece um modelo para a sociedade. O governo e o público acreditam que a força de defesa é um modelo real para a diversidade do nosso país.

ADF: Nos últimos anos tem havido revoltas civis e agitação em várias regiões da Etiópia. Que papel específico a ENDF tem no restabelecimento da segurança nestas regiões? Que lições foram aprendidas?

Tenente-General Molla: A responsabilidade das instituições de segurança no nosso país está expressa na nossa Constituição, e é muito clara. A responsabilidade de



controlar e gerir uma revolta é dos políticos, da administração local e das forças policiais. O que a força de defesa normalmente faz é ajudar as forças policiais no treino e no desenvolvimento de capacidades. Mas quando as revoltas estão além das capacidades da força policial, seguimos a Constituição e a política do país e respondemos aos pedidos dos estados regionais. Quando empreendemos uma missão, fazemo-lo em conjunto com a polícia e as autoridades administrativas regionais. O principal trabalho é ajudá-los a interagir com a comunidade e os grupos que estão no centro da crise, negociar ou levá-los a um acordo de paz. É uma participação muito limitada. Não queremos intervir em todo o lado. Em qualquer missão, respeitamos os direitos humanos e queremos minimizar as baixas. Onde quer que vamos para ajudar a polícia, em cada canto do país, a comunidade recebe a força de defesa, e eles cooperam plenamente.

“Estamos também focados na construção da imagem do nosso sector de defesa. Queremos torná-lo mais atractivo para a juventude e mais confiado pela nação. Temos uma boa tradição nas forças de defesa etíopes que até interagimos com a comunidade. Isso constrói a confiança.”

Soldados etíopes gerem multidões durante uma manifestação em Burayu, em 2018. THE ASSOCIATED PRESS





“Segurança para a Somália é segurança para a Etiópia e vice-versa.”

ADF: A Etiópia faz fronteira terrestre com a Somália e enviou forças para servir na Missão da União Africana na Somália (AMISOM). Qual é a importância de uma Somália segura para a Etiópia e para toda a África Oriental?

Tenente-General Molla: Segurança para a Somália é segurança para a Etiópia e vice-versa. Não se pode negar. Temos uma relação histórica. Temos muitos laços. Em algumas partes da Etiópia, as pessoas falam somali. Na verdade, a fronteira é artificial. É por isso que a Etiópia está preocupada com a segurança da Somália. Estamos a trabalhar duro na Somália na missão AMISOM. Embora haja progresso e bons resultados do que fazemos com as forças somalis e outros países africanos que contribuem para a missão, existem desafios.

Pelo que vejo, o principal desafio não é o povo somali, mas sim as elites políticas somalis e também os grupos exteriores à Somália, os quais desempenham um papel

negativo. Alguns países ou grupos apoiam as regiões e outros apoiam o governo central. Em vez de uni-los para estabilizar o país e formar um governo central forte, estão a dividi-los.

Consideramos que não existe consenso na comunidade internacional quanto à forma como devem apoiar, a quem devem apoiar e à forma como devem apoiar a Somália. Isso atrasa a construção das Forças Armadas somalis. As Forças Armadas da Somália devem garantir segurança em todo o país. Há algumas lacunas que dão espaço ao al-Shabaab para florescer ou conduzir ataques contra as pessoas. Portanto, existe um desafio, mas continuaremos a trabalhar.

ADF: Como classificaria a cooperação entre os países da África Oriental? Os países da região estão a cooperar para fazer face a ameaças partilhadas, como a criminalidade transfronteiriça e o extremismo?



Esquerda: Tropas etíopes ao serviço da Missão da União Africana na Somália saúdam o comandante da força AMISOM em Baidoa.

AMISOM

Guardas de honra marcham durante uma cerimónia em Addis Abeba.

REUTERS

Tenente-General Molla: Temos uma longa tradição de cooperação mútua. Temos uma plataforma também; no nível da defesa temos relações bilaterais. Reunimo-nos semestralmente com a maioria dos nossos países vizinhos a um nível individual. Discutimos questões de segurança, progressos no que acordámos em fazer, intercâmbio de formação, reforço das capacidades e troca de informações. Portanto, estamos numa interacção muito activa com os países vizinhos da África Oriental. Mesmo com a Eritreia, a relação está a melhorar. É um avanço, na verdade. A paz prevaleceu e estamos a trabalhar para institucionalizar a relação a nível da defesa.

A nível regional, temos a Autoridade Intergovernamental para o Desenvolvimento. Sempre que há uma ameaça à segurança na região, os chefes reúnem-se para discuti-la juntos. Isso aconteceu recentemente em relação ao Sudão do Sul. Assim, existe uma cooperação individual, mas também uma plataforma regional.

ADF: Está a exercer o seu cargo actual há menos de um

ano. Quais são as suas metas como comandante da força terrestre?

Tenente-General Molla: A minha preocupação é implementar o que o governo planeou. Concentro-me nas forças terrestres. Até recentemente não tínhamos um Comando da Força Terrestre. Tínhamos a Força Aérea, as Forças Especiais e o Quartel-General da Defesa, que lideravam directamente as unidades regionais. As reformas que estamos agora a implementar centram-se em diferentes áreas, como o sistema e a estrutura e os conceitos militares. Para combater a guerra não convencional e assimétrica, é preciso ter conceitos militares eficientes. Além disso, temos de trabalhar nas tecnologias e no desenvolvimento de capacidades. Estas são as áreas em que estamos centrados para implementar um programa de reformas. O meu foco é principalmente ter uma estrutura eficiente e sistemas e posturas corretas para que as forças terrestres sejam equipadas e utilizem de forma eficaz os escassos recursos que o nosso país investiu e confiou à instituição de defesa. □



UMA REVOLUÇÃO

EM

PROCESSO

Anos Depois da Primavera Árabe, Algumas Nações Ainda Lutam para Alcançar Plenamente o Crescimento e o Estado de Direito

BRIGADEIRO-GENERAL (REFORMADO) KHALIFA NAFTI
FORÇA AÉREA TUNISINA

Mais de oito anos depois dos protestos da Primavera Árabe de 2011, muitas pessoas no Norte de África continuam a lutar pela liberdade e dignidade. A estabilidade e a segurança que muitos esperavam durante os primeiros dias de protestos ainda são uma miragem em muitos países.

Estas perguntas persistem: Poderão as pessoas desta região alcançar essa liberdade e dignidade nos próximos anos? As transições iniciadas em 2011 levarão ao progresso e estabilidade ou mais desordem e insegurança? Isso dependerá de duas coisas fundamentais: a confiança e o Estado de Direito. Ambos formam a base para o crescimento e a estabilidade.

Os líderes políticos árabes têm de aderir ao Estado de Direito para permanecerem no poder e evitarem a agitação social. Com efeito, a confiança no governo assenta no Estado de Direito, que é o desejo da maioria das populações árabes.

Os profissionais militares também devem considerar as formas de ajudar a criar um ambiente estável para um futuro próspero. Os líderes militares podem demonstrar o seu empenho nessa estabilidade, garantindo que fiquem do lado do povo quando estas transições começarem. Para tal, é necessário garantir a segurança dos civis e das suas instituições contra a desordem e manter uma distância igual de todos os partidos e facções políticas.

Uma visão geral do contexto social e político da região antes e depois de 2011 oferece uma perspectiva e lições para as nações que emergiram ou continuam a lutar contra a turbulência da Primavera Árabe. A partir desses desafios, podemos obter soluções e próximos passos para o crescimento contínuo em direcção à boa governação e ao Estado de Direito.

LIÇÕES DO CONTEXTO

Os peritos parecem concordar que a recuperação das nações do Norte de África não será fácil. A partir desses desafios, podemos obter soluções e próximos passos para o crescimento contínuo em direcção à boa governação e ao Estado de Direito.

Kaplan, que também é director-geral do Grupo Eurasia, escreveu em Política Externa, em 2015: “Infelizmente, a chamada Primavera Árabe não teve a ver com o nascimento da liberdade, mas com o colapso da autoridade central, que não diz nada sobre a prontidão desses estados, artificiais ou não, para os rigores da democracia.”

As razões para isso são numerosas e diversas.



Um artesão tunisino presta homenagem à revolução da Primavera Árabe ao gravar bandeiras em placas de bronze em Medina de Tunes em 2011. REUTERS

A primeira surge do que pode ser chamado de contexto ambiental. Desde a década de 1990, o mundo ficou mais globalizado à medida que negócios, comércio e viagens transcenderam as fronteiras nacionais. Em suma, o mundo tornou-se mais interdependente e interligado.

Essas mudanças sublinharam que a estabilidade depende da segurança e a segurança depende da economia. As economias, por sua vez, dependem de factores como a geografia, a história, a cultura e a política. Os líderes devem lembrar-se do contexto ambiental ao trabalhar para a estabilidade. Então, eles devem estabelecer uma visão para alcançar esses objectivos. Ignorar qualquer componente disso levará ao fracasso.





As deficiências nestas áreas ajudaram a conduzir às revoluções de 2011. Mas as mesmas fraquezas levaram ao aumento da desordem desde 2011. Abordá-las é essencial para melhorar as condições de vida.

A segunda razão pela qual o transtorno é comum na região é porque os desejos e sonhos das pessoas, muitas vezes, têm sido ignorados. Durante décadas, o povo enfrentou falta de justiça, dignidade e liberdade. Estas carências em matéria de direitos humanos fundamentais são comuns às nações, quer tenham sofrido revoluções recentes, quer tenham sofrido perturbações.

Alguns observadores indicaram que as condições na região deterioraram-se desde 2011. As provas incluem a guerra civil, o aumento do terrorismo, o contrabando de seres humanos e o tráfico de todo o tipo de materiais ilícitos, incluindo armas. O resultado incluiu um número incontável de refugiados e milhares de vidas perdidas.

Isto pode ser atribuído, em parte, aos líderes que vieram depois da Primavera Árabe, que tinham vontade de governar, mas não tinham uma visão clara de para onde liderar as suas nações.

Exceções notáveis seriam o Egito e a Tunísia, que, apesar de muitos desafios, tiveram recuperações mais

Forças especiais tunisinas ficam de guarda em Ettadhamen, em Janeiro de 2018, enquanto os tunisinos celebram sete anos desde a revolta que lançou a Primavera Árabe. AFP/GETTY IMAGES

suaves devido às suas longas histórias de segurança mais forte e instituições estatais.

DESAFIOS PARA O CRESCIMENTO E ESTABILIDADE

Sun Tzu, antigo general chinês, estrategista militar, escritor e filósofo, escreveu, em *A Arte da Guerra*, que você deve conhecer a si mesmo e ao seu inimigo para ter sucesso.

“Se você conhece o inimigo e a si mesmo, não precisa de temer o resultado de uma centena de batalhas”, escreveu. “Se você se conhece a si mesmo, mas não ao inimigo, para cada vitória ganha você também sofrerá uma derrota. Se não conhecer nem o inimigo nem a si próprio, sucumbirá em todas as batalhas.”

O conselho de Sun Tzu pode ser instrutivo para os funcionários do Norte de África enquanto se preparam para os desafios.

Em primeiro lugar, é provável que a principal ameaça venha de dentro, devido às restrições históricas sobre as populações, que conduzem à agitação. Além disso, devem preparar-se para ameaças transnacionais, tais como várias formas de contrabando.

Em segundo lugar, as nações devem perceber que muitos dos desafios que enfrentam surgiram como

Um manifestante grita “Queremos justiça!” do lado de fora do edifício parlamentar em Tunes, em Novembro de 2011, quando a assembleia constitucional da Tunísia, eleita depois de uma revolução, realizou a sua sessão de abertura. REUTERS



Tunísinos celebram o aniversário de um ano da revolução da Primavera Árabe de 2011 na Avenida Bourguiba, em Tunes. REUTERS

resultado da falta de gestão, liderança e visão nos níveis superiores de governo. Pensar estrategicamente — e “conhecer a si mesmos” — ajudará as nações a superar esses desafios.

Além de Sun Tzu, o pensamento do já reformado Coronel John Warden da Força Aérea dos Estados Unidos também é instrutivo.

Warden apresentou a teoria dos “Cinco Anéis” que foi usada com sucesso para guiar a campanha aérea de 1991 da Tempestade no Deserto, que colocou uma coalizão multinacional liderada pelos Estados Unidos contra as forças iraquianas de Saddam Hussein para expulsá-los do vizinho Kuwait.

O modelo dos Cinco Anéis consiste em áreas de interesse que devem ser atacadas e suficientemente degradadas para que o inimigo possa ser derrotado, de acordo com UKEssays.com. São elas: forças militares de campo, população, infra-estrutura, sistemas essenciais e liderança. O pensamento é que se os anéis exteriores puderem ser suficientemente neutralizados, a liderança do inimigo, que ocupa o anel central, será exposta e sujeita a derrota.

Tendo em mente os pensamentos de Sun Tzu e Warden, os líderes devem prosseguir identificando e concordando quanto ao inimigo primário para a estabilidade e boa governação. Depois de determinar o que constitui o centro de gravidade do inimigo, compartilhar informações e inteligência seria a primeira etapa para combatê-lo. Este inimigo ocuparia o anel central no modelo de Warden.

A partir daí, os líderes olhariam para o que compõe os quatro anéis restantes. Estes podem incluir aqueles que financiam o extremismo, recrutadores, organizações afiliadas e aqueles que voltam para casa depois de lutar por causas extremistas no exterior, como o Estado Islâmico no Iraque e na Síria.

Para atacar esses círculos externos enquanto se procura derrotar o inimigo no centro, os líderes e governos terão que ser organizados, ter objectivos claros e manter instituições fortes com estratégias sólidas. Esta acção está em plena conformidade com o Estado de Direito.

Os Cinco Anéis de Warden também podem ser usados como um modelo para reconstruir um novo Estado que garanta segurança, desenvolva a economia e mantenha a estabilidade. Isso deve ser feito, obviamente, considerando os contextos ambientais e domésticos mencionados acima.

OS CINCO ANÉIS COMO UM MODELO DE CONSTRUÇÃO

Ao usar o conceito de anéis militares como um modelo para reconstruir um governo eficaz, o centro representa a legitimidade dos líderes executivos obtida através de eleições livres e justas e pela aplicação do Estado de Direito. Essa legitimidade ajudará os líderes a fazer as

reformas e ajustes necessários, preservando ao mesmo tempo o Estado de Direito. É através dessa legitimidade conquistada que o governo e seus líderes também ganharão a confiança das pessoas que servem. O povo, por sua vez, confiará então nas instituições governamentais, reforçando-as desta forma.

O Estado de Direito pode ganhar ainda mais a confiança dos cidadãos, garantindo a liberdade de expressão e os plenos direitos das mulheres. As mulheres representam metade da população, pelo que, quando são educadas e emancipadas, podem constituir uma força significativa para o crescimento económico, ao mesmo tempo que promovem gerações de mente aberta nos anos vindouros.

O segundo anel deste modelo incorpora a boa governação. Para conseguir isso, os líderes executivos terão que pensar como estrategistas, empregando visão clara, objectivos e estratégias para atingir as metas. Alcançar isso requer vontade de combater a corrupção, rejeitar o nepotismo e garantir a justiça e a igualdade.

O terceiro anel incorporaria reformas, especialmente no que diz respeito à educação e aos investimentos em oportunidades de emprego. A criação de emprego é uma das melhores formas de dar esperança à crescente população jovem.

Enquanto o Estado de Direito for inatingível para o povo, a confiança entre este e o seu governo será fraca.

O quarto anel seria constituído por valores como abertura, tolerância e coexistência pacífica. Estes ideais devem ser inculcados nos cidadãos desde a sua juventude e exigirão diálogo, consenso e compromisso. Estes valores prepararão as gerações futuras para pensarem antes de agir e resistir à tentação de aceitar aliciamentos para se juntarem a causas extremistas, mesmo na falta de uma melhor opção.

Finalmente, o quinto anel promoveria um sistema educacional moderno capaz de produzir competências e habilidades do mundo real que promovam o crescimento e o desenvolvimento e expandam as oportunidades de emprego.

Ao centrarmo-nos na Tunísia, podemos compreender melhor este conceito.

A Tunísia formou um sistema educativo moderno e deu às mulheres o direito de votar há mais de 60 anos. Mas a governação e a instabilidade provocaram uma revolução. Isso levou à perda de vidas humanas e à perda de oportunidades económicas. Mesmo assim,



Soldados tunisinos estão do lado de fora de uma mesa de votação em Ben Arous, perto de Tunes, em Maio de 2018, quando o país realizou as suas primeiras eleições municipais livres. AFP/GETTY IMAGES

devido à história da Tunísia de capacitar as mulheres e estabelecer uma cultura de diálogo e compromisso, os piores resultados possíveis foram evitados.

Hoje, a Tunísia está a avançar, ainda que lentamente. Mas a segurança e os desafios económicos subsistem.

Uma coisa que ajudaria a acelerar a plena realização do Estado de Direito é a criação do Tribunal Constitucional, o que estava previsto na Constituição da Tunísia de 2014.

A Constituição exige que o parlamento escolha quatro dos 12 membros do tribunal. O presidente e o Conselho Supremo Judicial escolheriam cada um quatro membros, de acordo com a Human Rights Watch. Até Fevereiro de 2020, o tribunal ainda não estava composto.

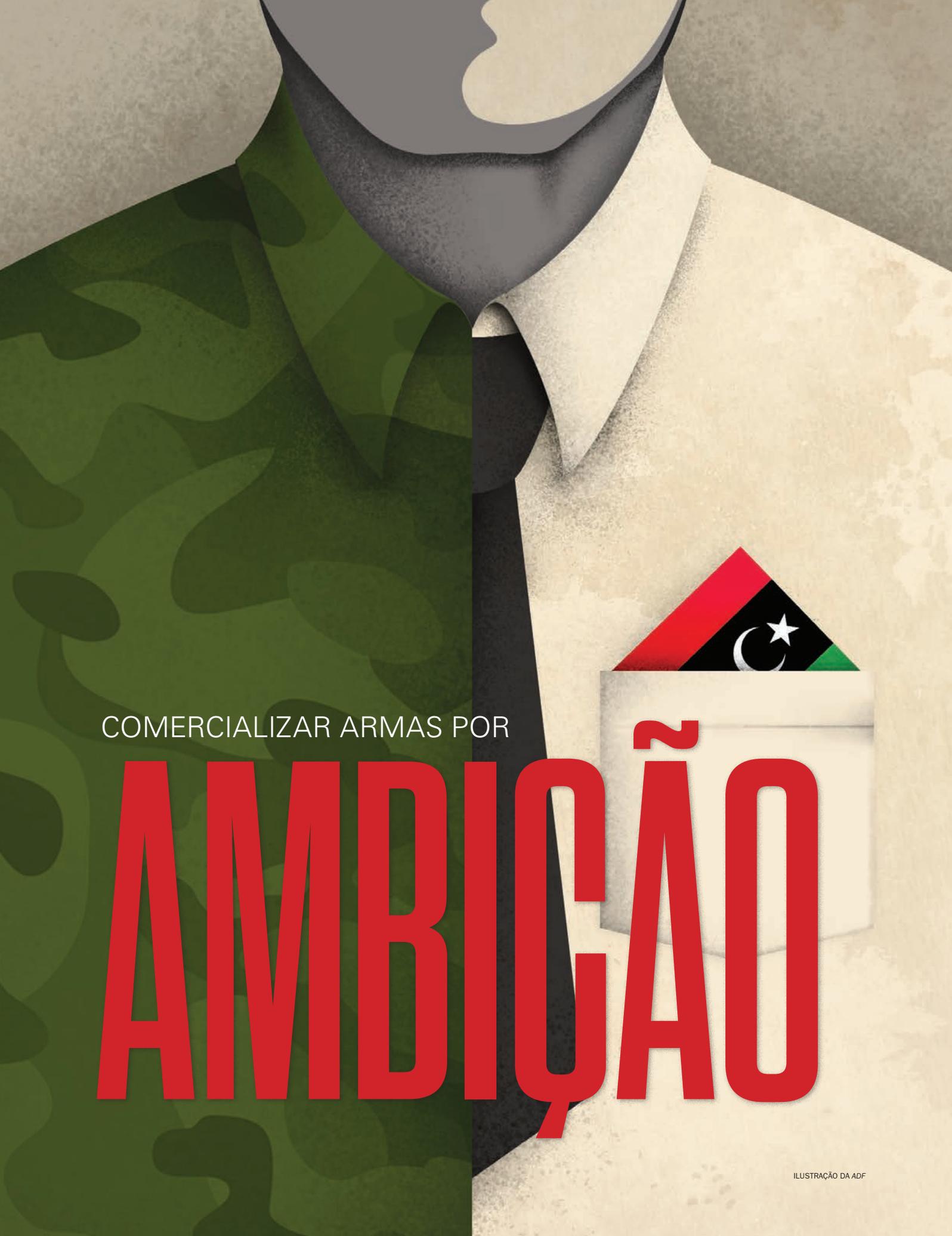
Os militares nacionais podem ajudar a garantir esses processos, comprometendo-se a estar do lado do povo desde o início. Proteger contra a desordem e preservar a segurança ajudará nas transições para o Estado de Direito, desde que os militares permaneçam igualmente distantes de todos os partidos e interesses políticos.

Enquanto o Estado de Direito for inatingível para o povo, a confiança entre este e o seu governo será fraca. É hora de transformar o sonho do Estado de Direito em realidade para garantir segurança, estabilidade e prosperidade a longo prazo para a Tunísia e para todo o Norte de África. □



BIOGRAFIA DO AUTOR

O Brigadeiro General reformado Khalifa Nafti, da Força Aérea Tunisina, serviu duas vezes como comandante da base aérea e passou sete anos como comandante de defesa aérea da Tunísia. Desde a altura em que se reformou, em 2016, Nafti trabalhou como consultor sénior de segurança no Instituto Tunisino de Estudos Estratégicos. Actuou como consultor sénior de segurança no Centro de Estudos Estratégicos do Oriente Próximo no Sul da Ásia desde 2013.



COMERCIALIZAR ARMAS POR

AMBIÇÃO²

Pequenos Negócios Podem Ajudar a Estabilizar a Líbia e Dar Esperança aos Antigos Combatentes

MUSTAFA ELSAGEZLI

Desde 2011, a Líbia tem passado por uma turbulência quase inimaginável com todos os aspectos da sociedade a serem afectados pela violência.

Durante esse tempo, o país tem funcionado com o que às vezes é chamado de “economia de guerra”, com muitas pessoas, principalmente jovens do sexo masculino, a utilizarem armas como o seu único meio de sobrevivência. Os primeiros esforços de reforma do sector da segurança mostram que o número de combatentes é impressionante. Um esforço de 2012 da Comissão Líbia para os Assuntos dos Combatentes recolheu dados sobre 162.000 antigos combatentes revolucionários e membros do grupo armado. Uma reportagem da BBC contabilizou 1.700 grupos de milícias. Os números reais podem ser ainda maiores, pois estima-se que haja 20 milhões de armas espalhadas por toda a Líbia.

À medida que o país tenta reconstruir-se, enfrenta um grande desafio. De que forma essas pessoas podem ser reintegradas na sociedade? Como lhes pode ser mostrada uma forma de levar uma vida produtiva sem voltar à violência? Como podem outros cidadãos se sentirem confiantes de que estes antigos combatentes não voltarão a ameaçar a segurança do país? E como podemos nós, como líbios, lançar as bases para uma paz duradoura?

O desenvolvimento que conduz à autonomia económica da juventude e à expansão do sector privado é a chave para construir a paz e estabilizar o país. Os principais desafios

para os países frágeis e afectados por conflitos estão relacionados com a construção do Estado e da nação. Os principais desafios da construção do Estado são estabilizar e reformar a segurança e os sectores públicos, desenvolver a economia e mudar a cultura, deixando de ser propensa a conflitos para ser enraizada na paz. Uma solução para estes desafios pode ser encontrada através de pequenas e médias empresas (PMEs) e desenvolvimento do empreendedorismo.

PMEs

Então, o que é uma PME? A definição varia consoante os países, mas a maioria das PME são empresas de retalho com menos de 50 trabalhadores. Barbearias, cafés, lojas de esquina, lojas de informática, oficinas de manutenção, pequenas fábricas ou equipas de obras de construção são exemplos. Algumas médias empresas com até 250 trabalhadores também se enquadram nesta definição. As

PMEs criam postos de trabalho para jovens e aumentam a quota-parte do sector privado na economia, com potencial para resolver muitos dos fracassos que o Estado líbio tem enfrentado historicamente.

Durante anos, a Líbia tem sido esmagadoramente dependente de empregos do governo, e o sector de petróleo e gás dominou a economia. Esta economia rentista incentiva uma mentalidade de dependência. A vida política e económica gira em torno de um jogo de soma zero de controlo dos recursos estatais. Isto tem de mudar. As PME e o empreendedorismo podem transformar a economia para sair de uma economia que depende das receitas do petróleo e do gás para uma economia diversificada que tire proveito dos activos da Líbia, tais como a sua localização geográfica estratégica. Isto tem uma importância acrescida à medida que o mundo procura alternativas às fontes de energia à base de carbono de que a Líbia depende para a maior parte da sua riqueza.

As PME e o espírito empresarial também podem ajudar a transformar a economia controlada pelo Estado da Líbia num mercado livre e dinâmico. Uma economia de mercado livre com um grande sector privado pode fortalecer as instituições estatais, diminuindo



o fardo do Estado ao empregar um grande número de pessoas. Várias estimativas mostraram que cerca de 50 por cento da população líbia é composta por funcionários do sector público.

ESPERANÇA RENOVADA

O crescimento do empreendedorismo e das PME dará esperança aos jovens líbios, que entraram em desespero para poder ter um futuro melhor e ficaram decepcionados depois de terem tido grandes esperanças na revolução. A Líbia tem uma população jovem que pode ser uma fonte de riqueza e capital para o desenvolvimento ou, se negligenciada, uma fonte de instabilidade e um combustível para guerras. Abrir caminhos de esperança para os jovens, incluindo antigos combatentes e membros de grupos armados, proporcionando-lhes oportunidades de negócios, ajudará a trazer paz e estabilidade ao país.

A resolução da questão da disseminação de armas e milícias tem sido o maior obstáculo com que o governo líbio se deparou nos últimos oito anos. Em entrevistas realizadas pela organização em que sou gestor, o Programa Líbio de Reintegração e Desenvolvimento (LPRD), antigos combatentes e membros de grupos armados mostraram vontade de desarmar e participar na reconstrução da economia, caso recebam oportunidades de pequenos negócios. Ao examinar as experiências de outros países em programas de desarmamento, desmobilização e reintegração, fica claro que fornecer aos antigos combatentes o financiamento e as habilidades para abrir pequenos negócios é eficaz.

Alguns argumentam que o desenvolvimento não pode ser realizado até que a segurança total seja alcançada, mas exemplos históricos têm demonstrado que o inverso é verdadeiro. O desenvolvimento económico pode estimular e capacitar todos os pilares do Estado e, na realidade, criar segurança. Os membros do grupo armado e antigos combatentes são empresários por natureza, pois têm coragem e ambição. Esta característica de bravura e coragem, se canalizada para o empreendedorismo e para o desenvolvimento económico, pode transformar uma ameaça numa oportunidade. O entusiasmo em abrir seus próprios negócios e as grandes ideias empresariais que antigos combatentes expressaram em entrevistas do LPRD mostram que podemos transformá-los em agentes de estabilidade e desenvolvimento socioeconómico.

A nossa investigação mostrou também que a consecução do objectivo de desenvolvimento socioeconómico e de capacitação económica dos jovens através das PME tem muitos desafios a enfrentar. Por exemplo, num conflito como o da Líbia, os combatentes muitas vezes não estão



dispostos a desistir das armas enquanto outros ainda estiverem armados. Temem que os seus opositores armados assumam o controlo dos bens do Estado. Além disso, a frustração aumenta depois que os combatentes largam as armas, mas não vêem oportunidades económicas. Estes desafios devem ser enfrentados.

TUMUH

Em árabe, a palavra *tumuh* significa ambição. Temos a crença de que muitos dos jovens que participaram no conflito líbio têm uma ambição imensa, mas é preciso que ela seja canalizada para algo produtivo.

Por essa razão, o LPRD chamou o seu programa de Tumuh, porque ele foi projectado para abrir as portas do empreendedorismo para antigos combatentes. O programa, lançado em 2013, visa dar formação em habilidades, acesso a financiamento, assessoria jurídica, planificação e marketing para ajudar as pessoas a estabelecer e administrar um negócio com sucesso. Tumuh foi congelado por cinco anos por motivos de segurança, mas reiniciou em Novembro de 2019.

O objectivo do Tumuh é dar empregos e oportunidades de carreira para 70.000 antigos combatentes. Acreditamos que permitir que estas pessoas criem os seus próprios negócios não só as ajudará, como também ajudará a economia global da Líbia.

O LPRD está a dividir este plano em quatro fases:

- Mapeamento económico e estudo de viabilidade.



- Formação e reabilitação de candidatos.
- Lançamento de projectos PME.
- Acompanhamento dos progressos.

Contratamos especialistas locais e internacionais para elaborar um mapa económico nacional e um estudo de viabilidade para determinar que projectos são mais adequados para cada região do país.

Após a fase inicial de mapeamento, a equipa procurará estabelecer um desenvolvimento sustentado. Inicialmente, 80 licenciados em gestão e áreas afins foram seleccionados da base de dados do LPRD para serem formados como consultores de negócios. Utilizando peritos regionais, os 80 candidatos realizaram uma formação intensa em tópicos fundamentais, tais como marketing, vendas, gestão de projectos e planeamento de negócios. Eles também passaram um tempo no exterior a receber formação adicional para terem uma compreensão mais ampla do assunto.

Além disso, os gestores do LPRD abriram quatro centros de negócios, com o objectivo de expandir para oito. Esses centros actuarão como um pólo de consultoria que recebe especialistas em negócios que podem fornecer mais apoio individual e aconselhamento sobre a gestão de negócios.

O LPRD lançou um programa parceiro chamado Bina, que significa “construir” em árabe. Este programa, criado com o apoio do Ministério da Economia e Indústria da Líbia, do Banco Islâmico de Desenvolvimento e de doadores privados, visa apoiar as pequenas empresas

emergentes. Oferece serviços de formação, aconselhamento e incubação de pequenas empresas.

O CAMINHO A SEGUIR

A questão das milícias e da disseminação de armas tem sido o principal obstáculo à estabilização e ao desenvolvimento da Líbia. Se o governo líbio priorizar a criação de PMEs nas suas políticas, legislação e programas, pode garantir uma transição pacífica para a sua juventude, saindo da violência para a paz e desenvolvimento. Esta transição conduzirá à estabilidade e abrirá as portas a mais reformas institucionais e económicas. Uma maior estabilidade significará também o retorno do desenvolvimento de infra-estruturas, do investimento directo estrangeiro e do crescimento do sector privado.

As PMEs e o empreendedorismo proporcionarão emprego e autonomia económica a comunidades negligenciadas que, de outra forma, causariam instabilidade. Acreditamos que Tumuh, Bina e projectos similares têm um papel a cumprir. Ao mostrar aos antigos combatentes que um investimento no seu próprio futuro pode ser um investimento no futuro da Líbia, acreditamos que os combatentes que desempenharam um papel na desestabilização do país podem liderar o caminho para a paz e prosperidade. □



Mustafa El Sagezli é fundador e director geral do Programa Líbio de Reintegração e Desenvolvimento. Foi vice-ministro do Interior no governo de transição da Líbia e director fundador da Comissão para os Assuntos dos Combatentes em 2011.

Esquerdo: Membros das forças aliadas ao Governo da Líbia reconhecidos a nível internacional carregam armas em Ain Zara, Trípoli.

REUTERS

Acima: Combatentes leais ao Governo da Líbia reconhecidos a nível internacional caminham fora de Trípoli.

REUTERS

UNIDOS *no* MAR



Um Amplo Exercício Naval Incorpora Forças Africanas

EQUIPA DA ADF

Um membro da Guarda Costeira do Djibuti participa num exercício de visita, embarque, busca e apreensão no Exercício Marítimo Internacional 2019 e Exercício Cutlass Express 19.2.

MARINHEIRO ANDREA RUMPLE/
MARINHA DOS EUA

Um dos maiores exercícios marítimos do mundo incluiu o Djibuti, em Outubro e Novembro de 2019, dando treinamento às forças navais e de guarda costeira africanas com a intenção de manter a liberdade dos mares.

Os exercícios navais ocuparam o Golfo de Áden e o Mar Vermelho como parte do Exercício Marítimo Internacional do Comando Central dos Estados Unidos (IMX 19), que atraiu 5.000 participantes de cerca de 50 nações. O IMX coincidiu com Cutlass Express 19.2, um exercício conduzido pelo Comando Africano dos Estados Unidos e pelas Forças Navais dos Estados Unidos em África.

Os exercícios duplos, que atraíram participantes de Djibuti, Egípto, Quênia e outros países, demonstraram cooperação global na manutenção da liberdade de navegação em algumas das rotas marítimas mais importantes do mundo, incluindo o estreito de Bab el-Mandeb e o Canal de Suez.

Combinar os exercícios fazia sentido porque a quinta e a sexta Frota dos Estados Unidos operam lado a lado no Oceano Índico.

“A segurança marítima não pode ser conduzida sozinha no vácuo”, disse J. Alexander Hamilton, vice-chefe de missão na Embaixada dos EUA em

Djibuti. “Os mares são vastos, e cobrir essa extensão requer parceria entre todas as partes interessadas para proteger e garantir essas importantes linhas da vida.”

O IMX visava construir capacidades em três áreas principais: remoção de minas subaquáticas, interceptação de criminosos que fazem o contrabando de carga a bordo de navios civis e proteção de portos contra ataques inimigos.

O Djibuti organizou a Task Force West, um dos três grupos de exercícios dentro do IMX. Os marinheiros africanos participantes concentraram-se em exercícios de visita, embarque, busca e apreensão; mergulho; e fornecimento dos primeiros socorros para vítimas de combate. As actividades da Task Force West estenderam-se desde o Corno de África até ao porto jordaniano de Aqaba.

A Cutlass Express, com seu enfoque para África Oriental e para o Oceano Índico Ocidental, realizou exercícios adicionais em Madagáscar, Maurícias e Seychelles.

“Como todos sabem, o crime no mar não atende a nenhuma linha imaginária que traçamos que separe as nossas frotas”, disse o Contra-Almirante Nancy Lacore, vice-comandante da sexta Frota dos EUA. “Eles fluem livremente através do Oceano Índico, independentemente de onde colocamos uma linha.” □





BATIMENTO
CARDÍACO
AFRICANO



Abdulahi Abuker tece fios coloridos,
transformando-os em pano tradicional
conhecido como alindi, que foi um pilar do
vestuário somali durante séculos. REUTERS



IMPORTAÇÕES DE ROUPA

CRIAM TENSÃO NO TECIDO NACIONAL

EQUIPA DA ADF

Quando o lendário viajante marroquino Ibn Battuta entrou no que é hoje a Somália, entre 1330 e 1332, ele tomou nota do extraordinário tecido que encontrou no Corno de África.

Naqueles dias, a Somália era um dos principais intervenientes no comércio, em grande parte, devido à sua posição fortuita no Oceano Índico. O seu porto ficava a distâncias iguais de Bagdade, Cairo e Índia. Era comum haver campos de algodão na planície de Jubalândia, na Somália, permitindo que os somalis produzissem mais de 350.000 tecidos por ano, segundo Somalispot.com.

As técnicas tradicionais de tecelagem e as cores vibrantes que dão vida aos tecidos persistiram durante séculos. O tecido, conhecido como alindi, é um pilar da moda feminina, vestuário de casamento e muito mais.

Apesar da qualidade e do esforço meticuloso necessário para produzir os tecidos multicolores, a indústria alindi passou por tempos difíceis na Somália. Isso deve-se principalmente ao afluxo de vestuário mais barato e usado da China e de outros países. O vestuário de segunda mão é uma indústria de 250 milhões de dólares que emprega mais de 350.000 pessoas na África Oriental, de acordo com a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional. Isso pode ser bom para aqueles que encontram trabalho na indústria, mas mau para aqueles que praticam artes tradicionais de tecelagem.

“Decidimos começar com este trabalho porque estávamos desempregados”, disse Mohamed Nor à agência de notícias turca TRT World, em Outubro de 2019. “Não tenho outra profissão como construção civil ou carpintaria. Eu só sei tecer. Mas agora há menos trabalho porque roupas mais baratas inundaram os mercados.”

Apesar das dificuldades, alguns tecelões continuam a praticar a arte.

“Estas roupas são muito melhores do que as roupas importadas, porque a qualidade é melhor uma vez que foram tecidas à mão”, disse Haji Abukar, um proprietário de loja de tecidos somali. “O mercado não está bom hoje em dia, mas vou continuar a comercializar roupas tradicionais e também dizer às pessoas que elas não são caras.”

A tradição alindi mostra que, apesar de ter passado por décadas de dificuldades, guerra e conflito extremista, elementos da cultura colorida da Somália continuam vivos.

CONSTRUINDO CONFIANÇA

As Forças de Segurança Acreditam que Projectos Civis-Militares no Mali Levarão a uma Melhoria da Segurança

EQUIPA DA ADF

Num dia de Agosto, na aldeia maliana de Gossi, um grupo reuniu-se para marcar a inauguração de um novo edifício para uma associação local de mulheres.

A humilde estrutura de argila era um raro ponto brilhante para a cidade deserta de cerca de 8.000 pessoas, a qual foi enfermada pela violência durante anos.

“Depois das horas sombrias vividas pelo povo de Gossi, congratulamos a essas mulheres pela sua abordagem”, disse o tenente Yacouba, da Guarda Nacional do Mali, durante a cerimónia.

A associação de mulheres, que tem cerca de 250 membros, tinha sido um pilar de estabilidade na cidade. Antes da crise maliana de 2012, a associação operou um moinho de vento para moer sementes de algodão e produzir óleo de cozinha. A venda do óleo apoiou numerosas famílias. Mas repetidos ataques extremistas danificaram o moinho e o prédio da associação feminina. De forma ainda mais trágica, muitas das mulheres perderam os maridos no conflito.

Quando a associação procurou as Forças Armadas Francesas e Malianas (FAMA) para ajudar a reconstruir a associação e um centro de acolhimento de crianças para permitir que as mulheres trabalhassem durante o dia, as equipas civis-militares concordaram com entusiasmo.





Um soldado francês, que serve na Operação Barkhane, participa numa cerimónia comemorativa da abertura de um projecto de cooperação civil-militar em Gossi, Mali. MINISTÉRIO DA DEFESA FRANCÊS

“Antes da FAMA e Barkhane estarem aqui, todos estavam com tanto medo que ficaram dentro das suas casas”, disse Madame Dicko, presidente da associação de mulheres. “A maioria das mulheres em Gossi tornaram-se viúvas, e muitas crianças são órfãs. Mas hoje sentimo-nos seguras porque eles estão aqui na nossa frente. Podemos sair, ir ao mercado e até andar por aí à noite. Antes, isso era impossível.”

À medida que os ataques extremistas proliferam nesta região conturbada, as forças francesas e malianas estão a trabalhar numa estratégia para reconquistar o apoio da população local que foi tão duramente agredida por anos de agitação. Em 2019, as forças Barkhane e malianas lideraram mais de 75 projectos civis-militares, incluindo a perfuração de poços de água, o apoio a pastores e a construção de escolas. Quase metade desses projectos estava na histórica região de Liptako-Gourma, que inclui Gossi e fica perto da fronteira com o Níger e Burkina Faso.

Espera-se que esta estratégia civil-militar contribua tanto para melhorar a vida e conduzir a uma paz duradoura como para os esforços militares cinéticos.

“Vocês estão a participar na reconstrução do país; certifiquem-se de que a solidariedade maliana nunca seja quebrada”, disse Yacouba à multidão reunida em Gossi. “Nós damos-vos as chaves desses edifícios para que vocês possam fazer este projecto florescer. Estamos juntos.”

Confiança Abalada

O governo do Mali quase entrou em colapso em 2012, depois de uma rebelião no norte, uma tentativa de golpe e a ocupação de 60 por cento do país por uma coalizão de tuaregues étnicos e extremistas violentos.

A fé no sector da segurança, já abalada, diminuiu para um novo mínimo. As acusações de violações dos direitos humanos, corrupção e nepotismo mancharam a imagem dos profissionais de segurança, incluindo a FAMA, gendarmes, guarda nacional e polícia.

Durante a crise, histórias de soldados mal equipados abandonando os seus postos e queixas de que as unidades em patrulha não receberam combustível para os seus camiões pioraram as coisas.

“Quando vejo o nível do meu exército, temo”, disse a Ministra da Defesa do Mali, Ibrahimia Dahirou Dembélé, num discurso ao parlamento. “Eu quero alcançar o nível de outros exércitos, e é hora de Mali assumir o comando.”

Outro factor complicado foi o facto de que a maioria das revoltas ocorreu no norte do país, e a FAMA era composta principalmente por soldados do sul. Num estudo de esforços para reformar a FAMA, o pesquisador Marc-Andre Boisvert disse que os militares precisavam de aprender a “língua, a cultura e as realidades diárias” das pessoas que juraram proteger.

“A FAMA continua a ser um corpo afastado do seu próprio território”, escreveu Boisvert. “Enviados a partir do sul, os militares não conhecem as populações locais do norte.”

Para proteger o público, os militares primeiro precisam de ganhar a sua confiança.

CIMIC

Os projectos de cooperação civil-militar (CIMIC, acrónimo inglês) fazem parte de uma vasta categoria que pode incluir o trabalho de infra-estruturas, a ajuda humanitária, o diálogo comunitário e muito mais. Os melhores projectos CIMIC têm um impacto “3-D”, o que significa que ajudam a apoiar a defesa, o desenvolvimento e a diplomacia.

Além de ajudar a melhorar a vida das pessoas em áreas emergentes de conflitos, elas podem demonstrar “dividendos da paz”, mostrando à comunidade as vantagens económicas da estabilidade. Os projectos melhoram a reputação das Forças Armadas e podem abrir canais de comunicação entre soldados e civis. Os projectos CIMIC também enfraquecem o apoio às insurgências em situações em que os combatentes recebem ajuda ou estão misturados na comunidade.



Os Sete Passos de um Projecto CIMIC

1. Receber solicitação da comunidade.
2. Certificar-se de que apoia a missão.
3. Confirmar que não duplica um esforço já existente.
4. Conseguir ajuda local.
5. Providenciar a propriedade local.
6. Proporcionar sustentação.
7. Entregar em plena ordem de funcionamento.

Fonte: Centro de Excelência CIMIC da NATO



Soldados do Mali falam com uma mulher enquanto fazem patrulha em Ndaki.

REUTERS



Crianças recebem kits escolares durante um evento liderado por soldados civis-militares franceses em Gossi, Mali.

MINISTÉRIO DA DEFESA FRANCÊS

“O objectivo é tentar retornar à paz, não por meio de combate, mas por projectos sociais e estruturais. O que é importante entender é que é juntos que podemos alcançá-la.” ~ Tenente Emilie, especialista da CIMIC das Forças Armadas Francesas



O Centro de Excelência CIMIC da NATO insta os profissionais a fazerem perguntas antes de empreender um projecto. Essas perguntas podem ser:

- **Este projecto traz algum prejuízo?** Alguns projectos podem resultar em competição, ciúmes ou preconceitos dentro de uma comunidade.
- **Como é que este projecto afectará outras comunidades?** Alguns projectos podem prejudicar as relações entre as comunidades ao dar injustamente vantagem a um em detrimento de outro.
- **Quem se beneficiará mais com o projecto?** Alguns projectos beneficiam apenas certos grupos, como homens, mulheres, crianças ou idosos. Outros podem beneficiar apenas uma determinada classe social, religião ou grupo étnico.
- **Os recursos são seguros?** O projecto corre o risco de ser roubado ou destruído por maus actores?
- **Mais alguém na região está a fazer algo semelhante?** Projectos que competem ou deslocam empresas locais podem ter efeitos negativos inesperados.

Uma Imagem em Processo de Recuperação

Em 2019, a Operação Barkhane da França abriu uma base em Gossi. Foi projectada para ser uma “base de avanço temporário” para lançar missões contra extremistas na volátil região de Liptako-Gourma. A região das três fronteiras tornou-se uma das mais mortíferas do mundo. Em 2019, Mali, Burkina Faso e Níger sofreram 4.779 mortes como resultado de violência extrema ou conflito armado. A maioria ocorreu na região das três fronteiras.

As forças malianas e francesas sabiam que para restabelecer a segurança era preciso priorizar a CIMIC.

“O objectivo é tentar retornar à paz, não por meio de combate, mas por projectos sociais e estruturais”, disse o tenente Emilie, especialista da CIMIC nas Forças Armadas francesas. “O que é importante entender é que é juntos que podemos alcançá-la.”

Gossi depende fortemente de um lago de 14 quilómetros que é vital para a pesca, pastagem e irrigação. A missão de manutenção da paz da ONU no Mali construiu um dique para evitar que o lago seque. As equipas



Soldados franceses falam com civis durante a entrega de um pequeno barco usado para transportar crianças pelo lago para frequentarem a escola em Gossi, Mali. FRENCH MINISTRY OF DEFENSE

Crianças participaram numa cerimônia de inauguração de uma nova creche em Gossi, Mali. FRENCH MINISTRY OF DEFENSE



Barkhane e FAMA compraram e pagaram para operar um pequeno barco para levar os alunos a atravessar o lago para onde frequentam a escola. A equipa CIMIC também organizou “dias de limpeza” em que soldados e civis tiram o lixo e limpam as ruas. Por último, a equipa CIMIC voltou a pôr um poço em funcionamento e construiu um muro de vedação de uma escola primária.

“Desde a nossa chegada, colocamos ênfase na água, educação e emprego”, disse o adjunto Pierre, líder da CIMIC para a Operação Barkhane em Gossi. “A ociosidade é um terreno fértil que leva ao banditismo.”

Até agora, é impossível avaliar o impacto que esses esforços estão a ter, mas dados recentes mostram que o apoio público ao Exército do Mali está em alta. Uma

pesquisa da fundação alemã Friedrich-Ebert-Stiftung descobriu que 69 por cento dos malianos disseram ter fé na FAMA para garantir a segurança. Esta foi a classificação de favoritismo mais alta para qualquer organização de segurança no país.

Em Fevereiro de 2020, o primeiro-ministro do Mali, Dr. Boubou Cissé, passou vários dias a visitar cidades ao norte do país e anunciou planos para recrutar 10.000 novos membros de serviço para a FAMA.

“Destá viagem, levarei comigo a determinação e a resiliência da população diante de uma crise”, disse. “Apesar dessas dificuldades diárias, eles continuam com esperança no Mali e nas autoridades. Em contrapartida, vamos mostrar-lhes que as autoridades estão do seu lado.” □





Reintegrando ANTIGOS EXTREMISTAS

UGANDA DÁ LIÇÕES SOBRE COMO REABILITAR ANTIGOS COMBATENTES INIMIGOS, INCLUINDO AQUELES SEQUESTRADOS QUANDO CRIANÇAS.

EQUIPA DA ADF | FOTOS DA REUTERS

Se há um país que sabe lidar com o desarmamento, desmobilização e reintegração de combatentes inimigos, este seria o Uganda, com a sua experiência com o Exército de Resistência do Senhor.

O Exército de Resistência do Senhor, ou LRA, de Joseph Kony, está praticamente inactivo hoje em dia, mas durante os seus anos violentos, que datam de 1987, causou estragos no Uganda. O grupo matou 100.000 pessoas e deslocou 1,7 milhões. Kony e seus combatentes sequestraram dezenas de milhares de crianças, transformando-as em combatentes endurecidos e "esposas" rebeldes. As suas crianças combatentes foram ensinadas a violar, torturar e massacrar.

Os combatentes que escaparam do LRA e regressaram às suas aldeias de origem enfrentam recepções diferentes. Muitos são recebidos com alegria e de braços abertos. Alguns enfrentam a indiferença, tendo sido capturados há tanto tempo que ninguém se lembra deles. Outros são tratados como criminosos e enviados para a prisão.

Por necessidade, o Uganda tem estado a formular programas ad-hoc de desarmamento, desmobilização e reintegração (DDR) há anos. Em muitos casos de repatriamento de membros do LRA, não há DDR porque as deserções nunca são relatadas.

O relatório da jornalista Anna Borzello, "O desafio de DDR no norte do Uganda: O Exército de Resistência do Senhor", observa que os centros de recepção criados para combatentes desertores, em 2007, sofreram graves deficiências, incluindo falhas na padronização do aconselhamento, nos subsídios de reintegração, nos períodos de permanência e na abordagem

Crianças congolezas utilizadas em conflitos armados recebem apoio psicossocial no Centro de Trânsito e Orientação na República Democrática do Congo.

geral. Os antigos combatentes eram frequentemente colocados em campos de refugiados “onde a situação é de miséria e insegurança.”

“Embora a comunidade em geral receba os regressados, a estigmatização é comum”, escreveu Borzello. “Dar subsídios de reintegração ou formação aos regressados pode causar ressentimento entre os civis.”

A idade destes combatentes que regressaram era, e continua a ser, um problema. Muitos destes combatentes eram crianças quando foram raptados, e muitos deles tornaram-se assassinos. Então, eles são tratados como vítimas de sequestro ou antigos combatentes?

“A ênfase nos regressados como crianças e vítimas pode distorcer a eficácia da reintegração”, disse Borzello. “Enquanto muitos regressados são profundamente perturbados pela sua experiência, outros adaptaram-se à vida selvagem e até mesmo acabaram por gostar dela.”

Um estudo do Stimson Center, um grupo de pesquisa de políticas, focou nos desafios específicos de DDR do Uganda, observando que as iniciativas tomadas “carecem de uma estratégia coerente.” O centro apontou três questões específicas:

- As comunidades locais ficaram ressentidas com os incentivos de reintegração dados pelo governo aos combatentes desertores do LRA, porque eram percebidos como uma recompensa pela violência. Os incentivos, parte da Lei de Amnistia de 2000 de Uganda, apresentavam um “conjunto significativo de recursos” para os desertores do LRA que os membros da comunidade civil e empobrecida não dispunham.
- Os cidadãos locais também viam como organizações internacionais apoiavam os programas para os antigos combatentes. A comunidade em geral não

tinha tais programas, “embora pudesse haver uma maior necessidade entre os jovens da comunidade em geral.”

- Os antigos combatentes ficaram ressentidos com os diferentes níveis de ajuda que recebiam. Um combatente sequestrado, que passou apenas semanas com o LRA antes de escapar, podia receber muito mais ajuda do que um membro do LRA que tinha sido sequestrado e que tinha lutado por mais de uma década.

ESTUDANDO O UGANDA

Os funcionários do governo, as Nações Unidas e organizações não-governamentais (ONG) estão a estudar os programas de DDR em Uganda, Somália e outras partes da África Oriental, com vista a melhorar os programas de DDR em todo o mundo.

Depois de estudar os fracassos e sucessos do programa DDR do Uganda, a Universidade das Nações Unidas apresentou um relatório, em 2015, descrevendo os problemas que qualquer plano DDR pode ter. Alguns deles são:

- Onde existe um conflito em curso, a adesão política necessária para programas voluntários de DDR pode estar em falta, levantando questões sobre se os esforços de DDR funcionarão em tais ambientes.
- Conflitos contínuos impedem a recuperação económica necessária para absorver os antigos combatentes que entram no mercado de trabalho. Isso levanta questões sobre como conceber programas de DDR eficazes que previnam recaídas ou criminalização quando o conflito finalmente terminar.
- Pouco se sabe sobre a interação entre o DDR e as operações militares inimigas em curso. A existência de operações militares inimigas contínuas prejudica



Crianças congoleesas utilizadas em conflitos armados recebem apoio psicossocial num centro de tratamento na República Democrática do Congo.



Antigas crianças-soldados marcham num desfile numa cerimônia de libertação no Sudão do Sul.

ou incentiva os programas de DDR?

- O papel crescente dos governos locais, regionais e internacionais, juntamente com as ONGs e contratados, nos programas de DDR, levanta uma variedade de desafios legais, operacionais e estratégicos. E se os grupos envolvidos tiverem princípios e padrões de direitos humanos inconsistentes?
- Quais são os desafios legais e operacionais para lidar com combatentes desertores que são conhecidos por terem sido membros de grupos terroristas violentos?

A pesquisa de Borzello levantou outras questões semelhantes. Ela observou que, quando um conflito finalmente termina, será necessário dinheiro para desmantelar acampamentos de pessoas deslocadas internamente, reinstalar a população e reconstruir a região. “O processo será caro e exigirá comprometimento do governo ugandês e de doadores internacionais”, afirmou. Ela também observou que as forças policiais e os tribunais precisariam de ser reforçados para que a justiça possa ser feita e o passado seja enterrado. A questão dos crimes de guerra tem de ser resolvida.

TRÊS TIPOS DE COMBATENTES

Prosper Nzekani Zena, escrevendo para o Centro Africano de Estudos Estratégicos, disse que os candidatos ao DDR, em ambientes do pós-guerra, podem ser divididos em três grupos: actores armados que se vão auto-desmobilizar de forma voluntária quando um quadro de paz viável parecer estar em vigor; combatentes que continuam a ter interesses investidos na militância; e combatentes que hesitam em desarmar-se por temer as consequências. Zena disse que é o terceiro grupo que oferece o maior potencial para DDR bem-sucedido.

“Eles hesitam em desarmar, temendo que ficarão expostos e vulneráveis num ambiente inseguro, incerto e volátil”, escreveu Zena. “Eles não têm alternativas adequadas de renda, pelo que podem pensar que o

desarmamento resultaria no enfraquecimento do seu bem-estar. No entanto, eles têm poucos motivos ou interesses em continuar como combatentes. São pessoas indecisas que precisam de incentivos e caminhos viáveis e graduais para deixar a militância.”

Zena descobriu que o ingrediente-chave para o sucesso é demonstrar a esses combatentes que eles têm um caminho para se desarmar e voltar à vida civil.

“Ao fornecer oportunidades adequadas para se desarmar com segurança, apoio financeiro e psicológico para a transição para a vida civil e treinamento e oportunidades suficientes para se sustentarem, o DDR pode afastar esses combatentes da militância”, escreveu Zena. “Isso também enfraquece indirectamente os combatentes mais ferrenhos remanescentes, ao diminuir o número dos seus apoiantes.”

Zena e outros pesquisadores disseram que os dois primeiros componentes do DDR — desmobilização e desarmamento — geralmente não são problema no que diz respeito ao alcance de combatentes “indecisos”. A desmobilização pode ser politicamente sensível, mas esses problemas, muitas vezes, são de curta duração. Os desarmamentos são principalmente uma questão de organizar locais de colecta seguros onde os combatentes que chegam não se sentem vulneráveis. A terceira componente, a reintegração dos antigos combatentes na vida civil, é a mais difícil.

A reintegração envolve tarefas como formações para o emprego, empréstimos, colocação profissional, ajudar antigos inimigos a se integrarem em ambientes pacíficos e ajudá-los a encontrar casas permanentes. A reintegração é o estágio em que muita coisa pode dar errado. Os antigos combatentes que se desarmam e enfrentam longos atrasos na reintegração podem ficar frustrados e amargurados com o processo de DDR. A reintegração incompleta e ineficaz representa o maior risco de regresso à violência armada.

“A reintegração é a faceta mais complexa e crítica, mas menos priorizada do DDR”, concluiu Zena. □



OS FILHOS DA ARMA

O FIM DO USO DE CRIANÇAS-SOLDADOS EXIGIRÁ UM COMPROMISSO SUSTENTADO COM A REINTEGRAÇÃO

EQUIPA DA ADF

M.K. era uma criança indisciplinada, como ele próprio admitiu.

O rapaz da ilha Idgwi não era um bom aluno. Não obedecia aos pais nem aos professores. Aos 13 anos, viajou para Goma, na província do Kivu do Norte, na República Democrática do Congo (RDC), para visitar o seu irmão mais velho. Enquanto estava lá, membros do Congresso Nacional para a Defesa do Povo (CNDP) vieram de um carro, pararam-no e pediram-lhe identificação.

Quando M.K. disse que não tinha bilhete de identidade, membros da milícia tutsi congoleza contrária ao governo amarraram-no, puseram-no no carro e levaram-no para o acampamento em Kitchanga, onde o atiraram para um buraco. Ele permaneceu lá por dois meses.

“Então, tiraram-me e levaram-me para um interrogatório”, disse M.K. à Força Voluntária ao Serviço da Infância e Saúde na RDC. “Eu tinha que escolher entre morrer e trabalhar para eles! Deixaram-me por duas horas para pensar nisso

(com água e comida). Eu disse a mim mesmo que se recusasse, morreria porque não havia ninguém para me ajudar ou avisar a minha família. Se eu trabalhasse para eles, um dia conseguiria encontrar uma solução.”

M.K. logo aprendeu a saudar e a manusear uma arma. Os seus captores nomearam-no para ser escolta de um major da milícia. Começou a fumar marijuana para não pensar na família. Quando o CNDP e as Forças Armadas da RDC (FARDC) assinaram um acordo de paz, em 2009, M.K. continuou a trabalhar para o seu comandante sob as FARDC. Um ano mais tarde, a missão de manutenção da paz das Nações Unidas na RDC levou-o ao Centro de Trânsito e Orientação (CTO) para reabilitação.

“Nos dois meses desde a minha chegada ao CTO, tenho reconstruído a minha vida, a partir do zero, para que eu possa ser uma pessoa melhor e estar em posição de ajudar a minha família”, disse M.K.

Uma ex-criança-soldado segura uma arma enquanto participa numa cerimónia de libertação nos arredores de Yambio, Sudão do Sul. REUTERS



Jovens sul-sudaneses, tendo deixado as armas, participam numa cerimônia no Sudão do Sul.

REUTERS

A história de M.K. é comum a milhares de crianças africanas. Muitas são raptadas e forçadas a entrar em milícias. Muitos servem na linha de frente como homens de infantaria armada. Outros servem como cozinheiros, espiões, carregadores, acompanhantes, mensageiros e, às vezes, como escravos domésticos ou sexuais. Alguns têm apenas 8 anos de idade.

A experiência pode marcar as crianças para toda a vida — se elas sobreviverem. Aquelas que têm a sorte de escapar ou ser libertas devem ser reabilitadas, um processo que requer investimentos significativos de tempo, recursos e programas para garantir que os jovens que saem do campo de batalha possam reentrar na sociedade e serem produtivos e seguros.

A AMPLITUDE DO PROBLEMA

Alguns estimam que cerca de 40 por cento de todas as crianças-soldados estão em África, mas o problema existe em todo o mundo. Nos últimos anos, as crianças também têm

sido exploradas desta forma no Afeganistão, Birmânia, Colômbia, Iraque, Filipinas, Síria e Iêmen.

Os números também têm vindo a aumentar. A Child Soldiers International, cujos programas agora são operados pela Iniciativa Crianças-Soldados Romeo Dallaire, informou, em Fevereiro de 2019, que o número de crianças-soldados aumentou 159 por cento em todo o mundo em cinco anos. O antigo grupo londrino de direitos humanos disse que havia documentado 30.000 casos de recrutamento desde 2012. Muitos outros certamente não são registados.

O antigo grupo disse ao The Defense Post que 3.159 crianças foram recrutadas em 12 nações em 2012. Em 2017, o número subiu para 8.185 crianças em 15 países. Incidentes de violência sexual contra crianças também aumentaram 40 por cento. Em 2012, havia 679 casos documentados. Em 2017, foram 951.

“O recrutamento de crianças está entre as questões de direitos humanos mais dramáticas

do nosso tempo”, disse Isabelle Guitard, então directora da Child Soldiers International, ao The Defense Post. “Estas estatísticas por si só são chocantes e, provavelmente, são somente superficiais em relação a verdadeira escala da exploração infantil por actores armados em todo o mundo.”

O uso de crianças em conflitos armados — por qualquer governo, facção, grupo rebelde ou milícia — contradiz a maioria dos elementos do que o Conselho de Segurança das Nações Unidas chama de “Seis Violações Graves contra Crianças Durante Conflitos Armados.”

As seis violações são:

- Recrutamento e utilização de crianças.
- Assassinato ou mutilação de crianças.
- Violência sexual contra crianças.
- Ataques contra escolas ou hospitais.
- Rapto de crianças.
- Negação de acesso humanitário.

A lista informa o relatório anual global do secretário-geral da ONU sobre “Crianças e Conflitos Armados”, no qual, entre outras coisas, os violadores são “identificados e expostos” por violações. O relatório de 2018 do secretário-geral, que foi divulgado em Junho de 2019, observou alguns dos desrespeitos mais severos pelas crianças desde o início do relatório. Mais de 24.000 violações foram registadas em 20 conflitos em todo o mundo.

Esse total incluiu o recrutamento de mais de 7.000 crianças para funções de combate e apoio. A Somália tinha o maior número de crianças recrutadas, seguido pela Nigéria e Síria, informou a ONU. Os números de exploração sexual mantiveram-se elevados, com 933 casos, um total que certamente fica muito aquém dos casos reais devido à subnotificação devido ao estigma relacionado. Novamente, os números mais altos foram observados na Somália, seguido pela RDC.

Os sequestros de crianças continuaram em 2018, atingindo quase 2.500 casos relatados, mais da metade dos quais na Somália.

PORQUÊ RECRUTAR CRIANÇAS?

Ao considerar os rigores e horrores do conflito armado, surge uma questão lógica: Porquê recrutar crianças para uma existência tão angustiante e exigente?

As profundas vulnerabilidades das crianças, muitas vezes, servem como uma razão para o seu recrutamento. As crianças são vistas por muitos grupos armados como dispensáveis. Como eles ainda não são maduros, eles não têm habilidades e personalidades de pensamento crítico totalmente formadas. Alguns podem ser mais destemidos do que os adultos devido à sua incapacidade de avaliar criticamente os perigos potenciais que enfrentam.

Devido a essa falta de maturidade mental e pessoal, eles podem ser mais facilmente influenciados e controlados, de acordo com o Centro Africano para a Resolução Construtiva de Litígios (ACCORD). Se eles perderem os seus pais ou outros membros da família, eles podem-se tornar leais a outra pessoa, especialmente se essa pessoa “detiver o poder de recompensa e punição”, de acordo com o autor Michael Wessells, que escreveu *Child Soldiers: From Violence to Protection*.

A proliferação de armas de pequeno calibre em África e noutras zonas de conflito também faz com que as crianças sejam capazes de utilizar instrumentos de guerra. A espingarda de assalto Kalashnikov AK-47, uma arma comum em África, é facilmente usada por jovens, assim como a maioria das pistolas, espingardas e até catanas.

COMO AS CRIANÇAS SÃO RECRUTADAS

Os danos infligidos às crianças que participam na guerra e no conflito são universais. No entanto, as razões e os métodos de recrutamento de crianças como soldados não são.

O recrutamento de crianças divide-se em duas categorias principais: recrutamento forçado e recrutamento voluntário.

No recrutamento forçado, as crianças são normalmente raptadas e obrigadas a lutar, ou nascem em grupos de milícias ou de rebeldes armados.

Acredita-se que o Exército de Resistência do Senhor, um grupo extremista com sede no Uganda, conhecido por sequestrar e armar crianças, tenha recrutado à força dezenas de milhares de crianças desde a sua formação em meados da década de 1980.

As razões pelas quais algumas crianças se voluntariam para lutar por milícias e grupos armados são mais complexas. Às vezes, isso acontece porque elas percebem discriminação contra o seu povo ou repressão por parte das autoridades governamentais. Da mesma forma, a pobreza e a falta de emprego e educação ou não ter nenhuma comunidade de apoio remanescente devido ao conflito pode forçar os jovens a se juntarem a grupos armados, de acordo com o ACCORD.

Em alguns casos, as crianças podem ver grupos armados como a única opção para alcançar segurança, comida, dinheiro ou aceitação. O que os seduz pode ser algo tão simples como uma promessa de um salário, um pagamento monetário único, despojos de batalha ou drogas e álcool. A oportunidade de alcançar fileiras e vínculos com um grupo de pessoas que pensam da mesma forma também não pode ser subestimada.

Mesmo assim, as crianças não podem ser consideradas as únicas responsáveis pelo recrutamento voluntário. Juntar-se a um grupo armado

geralmente não é escolha de uma criança, mesmo que o sequestro não esteja envolvido. Às vezes, as crianças determinam que ingressar em tal grupo pode ser a melhor chance de sobreviver.

“Em outras palavras, a condenação universal do recrutamento de crianças-soldados precisa de levar em consideração a questão das alternativas”, afirma o relatório do ACCORD. “E se a alternativa for pior

apenas um primeiro passo”, de acordo com um relatório da ONU de 2018 sobre reintegração. “Fornecer serviços adequados às crianças que foram formalmente libertadas, bem como contactar aquelas que escaparam ou foram libertadas informalmente, é uma tarefa enorme.”

A reintegração é essencial para quebrar o ciclo de violência e para ajudar a evitar o estigma nas comunidades infantis. Deixar de investir tempo e dinheiro neste processo pode reverter os ganhos feitos em direcção à paz e à estabilidade.

Os esforços de reintegração bem-sucedidos devem ter certos princípios orientadores, de acordo com a ONU. Primeiro, tais programas devem considerar os melhores interesses das crianças, não apenas as preocupações políticas ou de segurança prevaletentes. As crianças associadas a grupos armados também devem ser consideradas, em primeiro lugar, como vítimas. A acusação e a detenção devem ser evitadas quando possível em favor da reintegração. Por fim, as crianças têm direito à vida, sobrevivência e desenvolvimento que atenda às necessidades físicas, espirituais, morais e sociais.

Os programas de reintegração eficazes devem ter os seguintes

componentes: Apoio psicossocial e saúde mental: [/Bold] O trauma sofrido por crianças combatentes pode tornar difícil a ida para casa. Os jovens precisarão de ajuda para encontrar o seu lugar na sociedade depois de terem sido libertados da luta.

Oportunidades educativas e

profissionais: Os conflitos podem fechar escolas e arruinar as economias. “Oferecer a ex-crianças-soldados uma alternativa viável do que carregar uma arma pode ser o aspecto mais importante da reintegração”, de acordo com a ONU.

Programação baseada na perspectiva

do género: As experiências das meninas são únicas, e muitas vezes sofrem violência sexual, gravidez e estigma. É comum as raparigas relatarem em aderir a programas de reintegração porque temem a rejeição das suas famílias. Os programas devem dar prioridade à sua educação e formação profissional.

A reintegração é um processo de longo prazo. Exigirá um financiamento adequado durante o tempo necessário. E pode garantir que isso completará o processo de cura e ajudará a evitar que as crianças caiam de volta nas mãos de grupos armados.

do que se tornar uma criança-soldado? Para evitar o recrutamento e o re-recrutamento de crianças como soldados, há que ter em conta o ambiente económico, social e individual dos potenciais recrutas.”

REINTEGRAÇÃO DE CRIANÇAS-SOLDADOS

As crianças que sobrevivem aos horrores do combate e outro envolvimento em grupos armados devem ser aconselhadas, treinadas e apoiadas como parte de um programa abrangente de reintegração. As necessidades são surpreendentes, uma vez que os serviços são caros e exigem vários anos de envolvimento para reintegrar plenamente os jovens na sociedade.

De acordo com o relatório de 2018 do secretário-geral das Nações Unidas, 13.600 crianças beneficiaram de apoio para a libertação e reintegração, contra 12.000 em 2017. Em África, 2.253 crianças foram libertadas de grupos armados na RDC, 883 na Nigéria e 785 na República Centro-Africana.

“Libertar as crianças das fileiras de elementos armados é essencial, mas é



Um jovem rebelde da coalizão Seleka posa perto do palácio presidencial em Bangui, República Centro-Africana.

AFP/GETTY IMAGES



BRILHO DE ESPERANÇA

Embora o problema persista, as autoridades em África e em outros lugares reconhecem os danos causados pela utilização de crianças em combate. Uma conferência de Novembro de 2019 em Juba, Sudão do Sul, reuniu forças governamentais e da oposição para discutir o uso de crianças-soldados, de acordo com ReliefWeb.

Mais de 50 oficiais seniores participaram da conferência de três dias liderada pela Missão da ONU na Unidade de Protecção à Criança do Sudão do Sul e pela UNICEF.

Os participantes delinearão várias acções, incluindo educar oficiais juniores

sobre o assunto, melhorar as maneiras de identificar jovens menores de 18 anos e aumentar os esforços para encontrar e libertar crianças que trabalham como soldados. A conferência sublinhou igualmente a reintegração como uma componente crucial.

“As crianças precisam de ser dissuadidas de se juntarem aos militares e, em vez disso, devem ser motivadas a estar na escola”, disse Andrew Oluke, um oficial do Comité Nacional de Desarmamento, Desmobilização e Reintegração. “O governo precisa de assumir mais responsabilidade pelos jovens porque eles são a espinha dorsal deste país.” □

Uma criança-soldado está de pé com uma espingarda durante a sua cerimónia de libertação em Yambio, Sudão do Sul, em Fevereiro de 2018. Algumas crianças combatentes têm apenas 8 anos.

AFP/GETTY IMAGES

UM ENIGMA MORTAL

*A Ideologia que
Impulsiona as Forças
Democráticas Aliadas
na Essência Continua
um Mistério*



A proliferação de grupos armados no segundo maior país da África desestabilizou a nação durante décadas, mas um incidente, em Dezembro de 2017, chamou

novamente a atenção para os perigos presentes na República Democrática do Congo (RDC).

As Forças Democráticas Aliadas atacaram o pessoal das Nações Unidas na província do Kivu do Norte, no leste da RDC, matando 15 membros das forças de manutenção da paz e pelo menos cinco militares nacionais e ferindo outros 53.

O tiroteio de três horas destruiu pelo menos um blindado para transporte de pessoal, informaram as autoridades da ONU ao *The Washington Post*. “Este é o pior ataque contra as forças de manutenção da paz da ONU na história recente da organização”, disse o secretário-geral António Guterres na altura.

As Forças Democráticas Aliadas, estimadas em 1.500 militantes armados, foram responsáveis por outros ataques às forças de manutenção da paz na RDC: um em Julho de 2013 e outro em Março de 2014, de acordo com uma ficha informativa da ONU. O grupo é apenas um dos cerca de 70 grupos militantes armados e milícias que fomentam a violência nos 2,3 milhões de quilómetros quadrados da RDC.

A GÉNESE DO GRUPO

Embora agora mais activo na RDC, as Forças Democráticas Aliadas foram formadas no vizinho Uganda, em 1995. Elementos radicais da seita muçulmana Tabliq do Uganda juntaram-se aos militantes de Bakonjo que tinham participado do movimento Rwenzuru, de acordo com um artigo de 2019 da Dra. Eleanor Beevor, do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos. O movimento secessionista Rwenzuru foi assim nomeado em homenagem ao reino das Montanhas Rwenzori, no Oeste do Uganda.

A composição social e étnica do grupo ajudou a operar ao longo das fronteiras do Uganda e da RDC.

Os Bakonjo do Uganda estão ligados, por cultura e língua, ao povo Banande da RDC. Apenas o artifício de uma fronteira colonial separou-os no século XX.



Pessoas reúnem-se em Oicha, RDC, em Novembro de 2019, para homenagear as 27 vítimas golpeadas até à morte por militantes das Forças Democráticas Aliadas. AFP/GETTY IMAGES

Beevor escreveu que as Forças Democráticas Aliadas fugiram para a província do Kivu do Norte, na RDC, quando o país ainda era conhecido como Zaire. O então ditador do país, Mobutu Sese Seko, e seu sucessor, Laurent Kabila, permitiram que o grupo armado percorresse a região fronteiriça para impedir incursões ruandesas e ugandesas.

Isso deixou o grupo “livre para se envolver em parcerias vantajosas e de curto prazo com outros

grupos rebeldes, com vista a beneficiar-se do comércio ilícito nas fronteiras e para procurar o apoio de actores internacionais”, escreveu Beevor. “O Sudão, por exemplo, enviava regularmente armas e fundos ao grupo.”

Numa região famosa por dezenas de grupos armados, cada um com interesses peculiares e por vezes concorrentes, as Forças Democráticas Aliadas demonstraram uma vontade crescente de recorrer à violência feroz.

Paul Nantulya, um associado de pesquisa do Centro Africano de Estudos Estratégicos, escreveu em Fevereiro de 2019 que as Forças Democráticas Aliadas “assumiram muitas facetas que vão desde Salafi-Jihadi a nacionalistas seculares, etnonacionalistas e secessionistas, com cada uma voltada para diferentes públicos e empregada para diferentes propósitos.”

Numa região famosa por dezenas de grupos armados, cada um com interesses peculiares e por vezes concorrentes, as Forças Democráticas Aliadas demonstraram uma vontade crescente de recorrer à violência feroz. De 2017 a 2018, os incidentes violentos atribuídos ao grupo cresceram de 38 para 132, escreveu Nantulya. É um aumento de 247 por cento. No mesmo período, as mortes duplicaram para 415. O grupo assassinou centenas de civis desde 2014.

LIGAÇÕES COM O ESTADO ISLÂMICO?

Se calhar o mais estranho a observar são os recentes namoros do grupo com o Estado Islâmico. Um relatório de 2018, publicado no The Defense Post, indica que o grupo tem ligações com influências islâmicas em Uganda.

Não se sabe até que ponto o grupo pode estar alinhado com o Estado Islâmico. Entretanto, o Grupo de Pesquisa do Congo (CRG), que se centra no conflito da RDC analisou 35 vídeos em canais das redes sociais entre 2016 e 2017. O relatório do grupo de pesquisa mostrou uma “mudança na retórica empregada pelo movimento, de uma guerra contra o

governo ugandês para uma luta mais ampla a favor do Islamismo.”

De acordo com o CRG, as Forças Democráticas Aliadas têm chamado a si mesmas de “Madina em Tauheed Wau Mujahedeem” desde 2010. O nome significa “a cidade do monoteísmo e daqueles que afirmam o mesmo.” Alguns dos vídeos do grupo incluem uma bandeira semelhante às usadas pelo Estado Islâmico, al-Shabaab, al-Qaida e Boko Haram. Eles também enfatizam a importância das interpretações radicais e violentas do Alcorão. De acordo com o CRG, o islamismo radical não é novo para o grupo, mas a ênfase nele tem variado ao longo do tempo.

Nantulya escreveu que vídeos e documentos apreendidos pela missão de manutenção da paz das Nações Unidas na RDC parecem indicar que as Forças Democráticas Aliadas estão focadas em estabelecer um califado regional. Ele argumenta que a proliferação de “narrativas inspiradas no Estado Islâmico”, em propaganda, é paralela ao “retorno do grupo às suas raízes salafitas para que pudesse explorar as redes Jihad-Salafi, na África Oriental.”

Esses esforços, afirma Nantulya, aumentaram depois que o grupo perdeu território considerável em confrontos militares com forças congoleesas, ugandesas e da ONU. Grandes ofensivas em 2011, 2013 e 2015-2016 reduziram as fileiras do grupo para apenas algumas centenas de militantes. A captura do líder Jamil Mukulu, na Tanzânia, em 2015, também representou um golpe para o grupo militante. Ele continua sob custódia no Uganda.

A VIOLÊNCIA INTENSIFICA-SE

A resposta do grupo para estas perdas diante das forças militares foi um ataque contra civis em Beni, Bunia, Butembo e Eringeti para castigá-los por considerada conspiração com o governo. O aumento

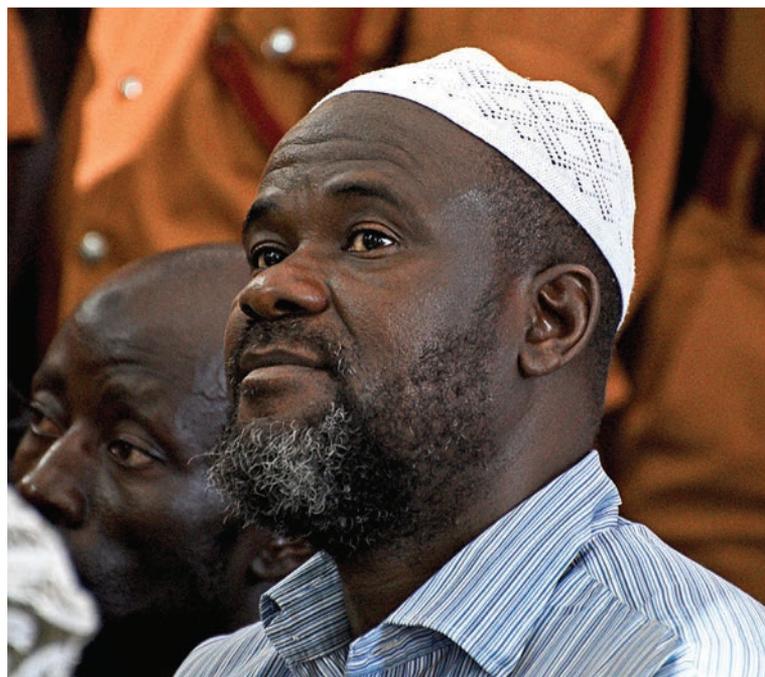




Depois de um ataque das Forças Democráticas Aliadas em Novembro de 2018, homens congolese olham para um carro atingido por um morteiro. AFP/GETTY IMAGES

nos ataques correspondia com a propaganda étnica e jihadista, escreveu Nantulya.

A violência continua. De acordo com um relatório da rede árabe de televisão Al-Jazeera, de Dezembro de 2019, pelo menos 17 pessoas foram golpeadas até à morte em dois ataques atribuídos às Forças Democráticas Aliadas. O porta-voz militar da RDC, General Leon Richard Kasonga, disse ao serviço de notícias que o Exército também encontrou “uma fábrica para produção em grande escala de bombas caseiras” no acampamento do grupo que foi capturado pelos soldados.



O líder das Forças Democráticas Aliadas, Jamil Mukulu, está sob custódia no Uganda. AFP/GETTY IMAGES



As Forças Democráticas Aliadas adaptaram-se à mudança dos contextos sociais, ajustando-se constantemente às queixas locais para avançar a sua narrativa. Elas têm estado dispostas a usar qualquer mensagem que funcione para continuar o recrutamento.

Soldados tanzanianos da missão de manutenção da paz das Nações Unidas na RDC procuram militantes das Forças Democráticas Aliadas.

AFP/GETTY IMAGES

Os ataques de Dezembro faziam parte de uma série de assassinatos em massa em resposta às operações do Exército contra o grupo, as quais começaram nos finais de Outubro de 2019. Os militantes tinham assassinado pelo menos 100 pessoas entre 5 de Novembro e 5 de Dezembro de 2019, para desencorajar os civis de ajudar as forças de segurança, informou Al-Jazeera.

Apesar da sua hostilidade às populações locais, o grupo militante continuou

a espalhar propaganda jihadista e trouxe recrutas de todo o Burundi, Ruanda, Tanzânia e Uganda, escreveu Nantulya. Na verdade, o grupo também tem células de recrutamento na África do Sul e na Tanzânia.

O ressentimento público pelo grupo é alto, mas a fusão de grupos armados na RDC, juntamente com a incapacidade do governo de providenciar serviços, tem impedido oportunidades de isolar os militantes. Informações sobre as finanças do grupo são escassas, mas um relatório da ONU indica que se beneficia de financiamento externo.

CONTRA-ATACAR OS MILITANTES

As Forças Democráticas Aliadas provaram ser engenhosas e resistentes ao sobreviver entre dezenas de grupos armados diferentes, apesar da pressão implacável das forças armadas nacionais e das forças internacionais de manutenção da paz. Adaptaram-se à mudança dos contextos sociais, ajustando-se constantemente às queixas locais para avançar a sua narrativa. Elas têm estado dispostas a usar qualquer mensagem que funcione para continuar o recrutamento.

Desalojar o grupo do interior da RDC continuará a ser uma tarefa difícil. Aqueles



que lutam contra as Forças Democráticas Aliadas terão de estabelecer e manter redes de informação eficazes e uma forte cooperação regional. Para esse fim, argumenta Nantulya, a Conferência Internacional sobre a Região dos Grandes Lagos pode desempenhar um papel importante.

Em 2017, a organização inaugurou um centro nevrálgico de inteligência em Kasese, Uganda, perto da fronteira com a RDC. O centro é composto por oito especialistas em segurança da RDC, Quênia, Tanzânia e Uganda, com funcionários que os auxiliam, de acordo com a Agência France-Presse. Começou com um investimento de 600.000 dólares e é financiado pelos quatro principais Estados-Membros.

“Logo que a informação de inteligência for recebida no centro, será analisada pelos especialistas, investigada e divulgada aos países membros para tomada de medidas”, disse o porta-voz do Exército do Uganda, Brigadeiro Richard Karemire, à Agência France-Presse.

Nantulya disse que a Força-Tarefa Regional liderada pela União Africana para a Eliminação do Exército de Resistência do Senhor (LRA) também pode servir como um modelo útil. “Os esforços combinados das

forças de Uganda, Sudão do Sul e República Centro-Africana, apoiados por agentes e conselheiros da inteligência técnica dos EUA, desempenharam um papel importante para quebrar a espinha dorsal da rebelião do LRA”, escreveu Nantulya.

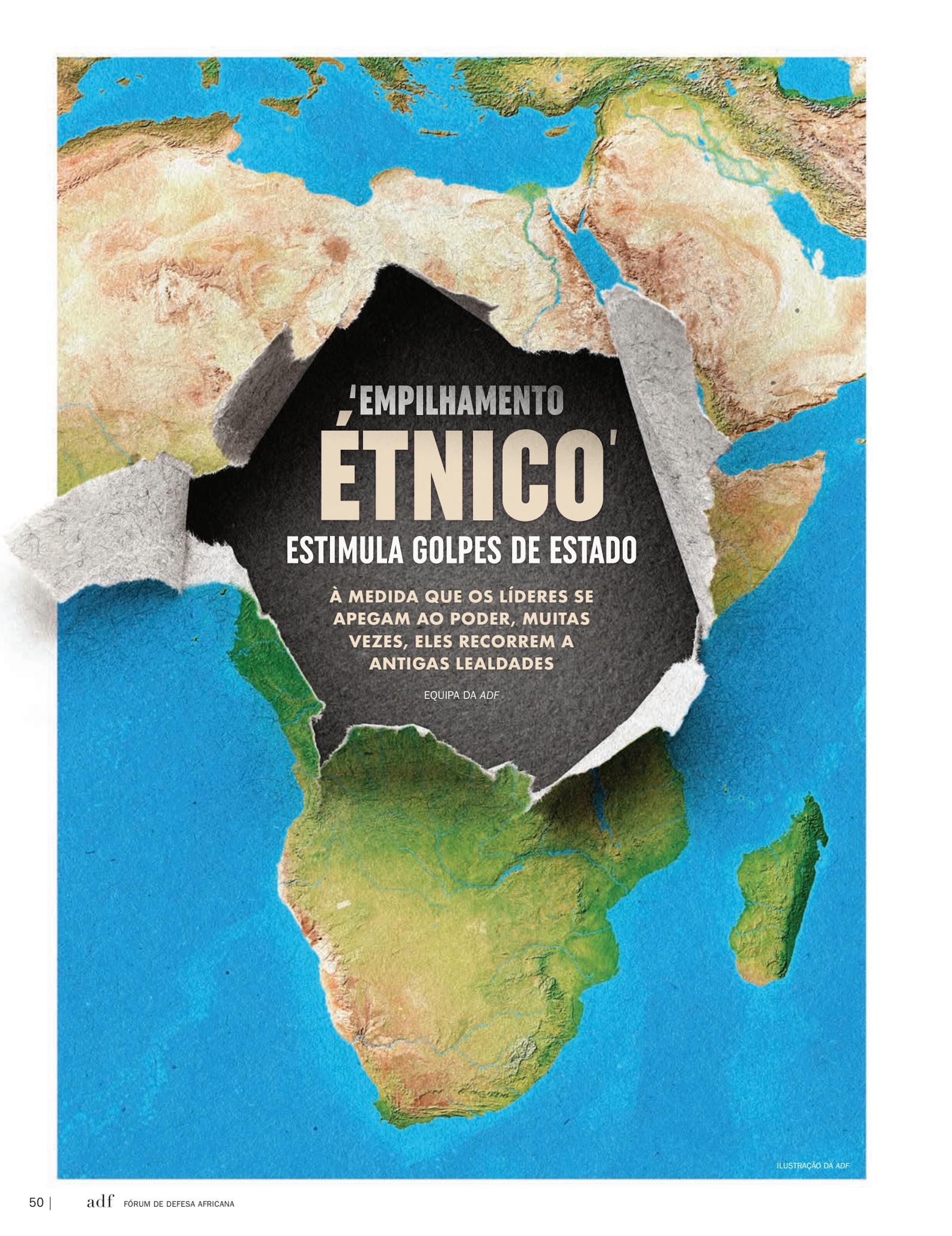
A Força-Tarefa Regional do LRA utilizou mais de 3.000 soldados, que incluíram 2.000 de Uganda, 500 da RDC, 500 do Sudão do Sul e 85 da República Centro-Africana. A operação começou em Agosto de 2013 e foi designada Operação Monção. Agora, o LRA é uma ameaça muito menor na região.

Por último, uma estratégia bem-sucedida deve abordar a falta de autoridade governamental central e local e de prestação de serviços no Leste da RDC. O Uganda tem sido mais bem-sucedido nisso e, como resultado, a capacidade do grupo militante de manter território naquele país foi impedida.

A “capacidade dos militantes de mobilizar e explorar os sentimentos locais em vários cenários sociais, culturais, religiosos e políticos ressalta a necessidade de estratégias de envolvimento público robustas”, escreveu Nantulya. “Enquanto [o grupo] puder continuar a explorar múltiplas queixas religiosas e seculares, uma solução duradoura continuará a ser uma miragem.” □

Uma mulher chora depois de cinco outras terem sido assassinadas em Paidá, perto de Beni, na província do Kivu do Norte, na RDC. As Forças Democráticas Aliadas assassinaram 18 pessoas naquela zona em dois dias.

REUTERS



**'EMPILHAMENTO
ÉTNICO'
ESTIMULA GOLPES DE ESTADO**

**À MEDIDA QUE OS LÍDERES SE
APEGAM AO PODER, MUITAS
VEZES, ELES RECORREM A
ANTIGAS LEALDADES**

EQUIPA DA ADF

ILUSTRAÇÃO DA ADF

Ditadores de longa data têm muitas artimanhas que os ajudam a manter-se no poder. Um deles é um processo conhecido como “imunidade contra golpes”, ou seja, a construção de forças armadas que não se rebelarão.

O cientista político, Philip Roessler, disse que os líderes tentam criar um regime imune contra golpes usando três formas:

- Eliminar das fileiras militares qualquer membro que se oponha ao líder.
- Dar tratamento financeiro e político preferencial aos principais comandantes militares.
- Empregar uma tática conhecida como “empilhamento étnico.”

No empilhamento étnico, o líder de um país preenche as suas principais fileiras militares com oficiais da sua própria etnia.

O empilhamento étnico pode ajudar um líder a permanecer no poder, mas quase inevitavelmente leva à corrupção e à má governação. Também faz

com que um líder fique vulnerável. Como a cientista política, Nandita Balakrishnan, escreveu no *The Washington Post*, “Os líderes militares ainda são os únicos que são fortes o suficiente para derrubá-los – ainda que os golpes sejam mais difíceis de organizar e mais perigosos caso ocorram, porque conspiradores fracassados e suas famílias, muitas vezes, enfrentam a execução.”

É uma lição tão antiga quanto a história: Quando você está no poder e se rodeia de seus parentes, excluindo os outros, o seu país sofrerá por isso.

A África passou por muitos golpes. Desde que a descolonização começou na década de 1950, houve mais de 220 tentativas de golpes no continente, com quase metade delas bem-sucedidas, derrubando governos civis, minando a democracia e o Estado de Direito e levando a anos de ditaduras militares.

Desde 2010, houve 34 tentativas de golpes de Estado no continente. Seis foram bem-sucedidas.

Manifestantes sudaneses reúnem-se em Cartum, em Abril de 2019, depois da destituição do presidente Omar al-Bashir. Os manifestantes disseram que o exército, dominado por nomeados de al-Bashir, tentaria agarrar-se ao poder. AFP/GETTY IMAGES





Forças especiais quenianas chegam ao local de uma explosão num complexo hoteleiro em Nairobi em 2019. O Quênia tem trabalhado para incluir uma diversidade de grupos étnicos nas suas forças armadas. AFP/GETTY IMAGES

No resto do mundo, durante esse tempo, houve apenas sete tentativas de golpe.

O cientista político americano, Jonathan Powell, diz que o número de golpes não é surpreendente, dada a instabilidade que os países africanos experimentaram nos anos após a independência.

“Os países africanos têm tido as condições comuns para golpes de Estado, como a pobreza e o fraco desempenho económico”, disse à BBC. “Quando um país tem um golpe, isso é, muitas vezes, um prenúncio de mais golpes.”

UNIDADES DE ELITE

Normalmente, um novo líder anunciará um plano de inclusão, prometendo que todos os grupos étnicos, religiões e tribos serão incluídos na sua administração. Mas se o círculo interno do líder anterior era etnicamente baseado, este novo processo de inclusão não vai surtir efeito, forçando o novo líder a ficar com pessoas que já estavam no poder, ou arriscar um golpe. Em muitos casos, os chefes de Estado utilizarão a sua etnia como critério de adesão a unidades de elite ou privilegiadas, como altos cargos de liderança militar.

Recentemente, académicos dedicaram uma atenção considerável ao empilhamento étnico, associando-o à repressão autoritária, aos golpes de Estado e à violência política.

Um caso de empilhamento étnico bem-sucedido ocorreu na República Democrática do Congo, quando ainda se chamava Zaire. Depois de assumir o poder em 1965, o presidente Mobutu Sese Seko empilhou o seu corpo de oficiais com homens Ngbandi provenientes da sua região equatorial nativa. O Dr. Emizet Kisangani, professor de

ciência política, disse que quando o governo de Mobutu terminou, isto é, 30 anos depois, os parentes equatorianos de Mobutu constituíam quase 80 por cento do seu corpo de oficiais.

O empilhamento de Mobutu permitiu-lhe permanecer no poder por três décadas, mas a sua presidência dificilmente pode ser considerada como tendo sido bem-sucedida. Com o apoio do seu exército empilhado, Mobutu acumulou vasta riqueza, principalmente através da corrupção e exploração económica. A sua administração foi marcada por uma inflação descontrolada e um desastre económico.

A Dra. Kristen Harkness, professora sénior da Universidade de St. Andrews, na Escócia, estudou extensivamente o empilhamento étnico. O seu livro de 2018, *When Soldiers Rebel*, analisa práticas de recrutamento étnico em exércitos africanos e como essas práticas desestabilizaram regimes.

“Desde a descolonização, preocupados com as possibilidades de tentativas de golpe e insurgências étnicas, muitos líderes continuaram a confiar no recrutamento e promoção de co-etnias para controlar os militares e garantir a sua lealdade”, escreveu Harkness num estudo de 2019. “Tais práticas vão desde manipular etnicamente as mais altas patentes desde a hierarquia de comando, a criação de unidades paramilitares co-étnicas de elite, até ao condicionamento de todo o serviço à etnia compartilhada.” Ela acrescentou que “Tal dependência da etnia como um atalho para a lealdade provavelmente tem profundas consequências para uma série de resultados importantes, desde a eficácia do combate à propensão ao golpe de Estado até à democratização.”

As desvantagens dessas políticas são numerosas. O processo de construção de exércitos étnicos, disse Harkness, “provavelmente inspira resistência de oficiais de fora do grupo, desestabilizando assim os governos, pelo menos a curto prazo.” Outros pesquisadores observaram que a exclusão de grupos étnicos de importantes instituições estatais pode inspirar insurreição e até mesmo terrorismo.

A pesquisa de Harkness mostrou que quando as eleições trazem ao poder um novo líder etnicamente diferente do exército etnicamente construído existente, o risco de um golpe militar aumenta de menos de 20 por cento para quase 90 por cento.

NÃO É NOVO EM ÁFRICA

O empilhamento étnico existia muito antes da independência africana. Um exemplo extremo foi a África do Sul durante o apartheid, onde os negros foram impedidos de servir no exército. As forças armadas noutros países da África pré-independente, muitas vezes, eram empilhadas pelos seus líderes coloniais com membros de uma tribo em particular, percebidos como melhores soldados do que outras tribos.

Hoje, a Força de Defesa Nacional Sul-Africana tem cotas raciais para garantir que os sul-africanos brancos, negros, mestiços e indianos estejam representados proporcionalmente.

Harkness observa que algumas nações africanas continuaram a usar o empilhamento étnico enquanto ainda procuravam alcançar outros grupos étnicos.

“Somente o topo da hierarquia de comando é controlado através da lealdade étnica, com muito cuidado para cultivar a inclusão nas fileiras mais baixas”, escreveu.

Desde a independência do Quênia, em 1964, os seus líderes historicamente têm empilhado as fileiras de liderança das suas Forças Armadas com membros do seu próprio grupo étnico. O primeiro presidente do país, Jomo Kenyatta, herdou um exército esmagadoramente equipado com oficiais Kamba. Ele agiu rapidamente para mudar o equilíbrio étnico nas Forças Armadas a favor do seu próprio grupo étnico, os Kikuyu. Ele foi apenas parcialmente bem-sucedido; os Kikuyu constituíam apenas 21 por cento da população do país naquela época. Daniel Moi, sucessor de Kenyatta, substituiu os líderes Kikuyu por membros do seu próprio grupo étnico Kalenjin. Depois de uma tentativa de golpe mal-sucedida, Moi removeu a maioria dos poucos Kikuyu remanescentes das posições de autoridade.

Hoje, globalsecurity.org relata que as Forças Armadas quenianas observam as quotas étnicas dentro das suas fileiras e mantêm uma diversidade de soldados em todas as fileiras.

O empilhamento étnico pode ser um assunto complexo, porque as identidades étnicas de África nem sempre são claras. Em muitas partes de África, a identidade étnica pode ser identificada por região, grupos étnicos mistos e clãs. Existem subgrupos dentro de grupos étnicos que estão associados com regiões.

“A região moldou o empilhamento étnico em muitos Estados sahelianos, onde importantes divisões norte-sul se sobrepõem a clivagens étnicas, religiosas, linguísticas e raciais”, escreveu Harkness.

Harkness e outros estudiosos concluíram que o empilhamento étnico funciona, mas apenas se o objectivo for o de permanecer no poder. Se o objectivo for uma verdadeira democracia e uma verdadeira igualdade de oportunidades entre as forças armadas, o empilhamento étnico deve ser eliminado. No seu estudo de 2007, Staffan Lindberg e John Clark concluíram que os verdadeiros regimes democráticos têm um “histórico significativamente diferente” de serem submetidos a intervenções militares bem-sucedidas ou fracassadas. As suas investigações indicam que

os regimes democráticos têm 7,5 vezes menos probabilidades de serem sujeitos a tentativas de intervenção militar do que os regimes eleitorais autoritários e quase 18 vezes menos probabilidades de serem vítimas de uma verdadeira ruptura do regime.

“A legitimidade acumulada pela liberalização política parece ‘inocular’ os Estados contra a intervenção militar no domínio político”, escreveram.



A Secretária do Gabinete de Defesa do Quênia Rachel, Omamo, no centro, observa o dia das Forças de Defesa do Quênia em Nairobi, em 2019. AFP/GETTY IMAGES

Num estudo de 2009 sobre o empilhamento étnico, os investigadores Andreas Wimmer, Lars-Erik Cederman e Brian Min tiraram três conclusões:

- As rebeliões armadas são mais propensas a desafiar Estados que excluem grandes parcelas da população com base na origem étnica.
- Quando um grande número de elites concorrentes compartilham o poder num Estado segmentado, o risco de lutas internas violentas aumenta.
- Estados incoerentes com uma curta história de governo directo são mais propensos a experimentar conflitos separatistas.

Harkness disse que a verdadeira democracia tem um preço.

“Para que a democracia prospere em sociedades multiétnicas, os exércitos étnicos existentes devem ser desmantelados e as instituições militares nacionais diversificadas”, escreveu Harkness. Acrescentou que o desmantelamento destas instituições é difícil e perigoso. “Os exércitos étnicos não ficam de braços cruzados e possibilitam o seu próprio declínio.” □

A VENDA AJUDA A COLOCAR
OLHOS
NO
CÉU

O ACORDO ENVIA HELICÓPTEROS
AMERICANOS PARA AS FORÇAS
DE DEFESA DO QUÊNIA.



Dois helicópteros MD 530F Cayuse Warrior decolam durante uma cerimónia de entrega em Nairobi, Quênia, em Janeiro de 2020.

Os Estados Unidos venderam seis helicópteros MD 530F para as Forças de Defesa do Quênia (KDF), que podem ser usados em missões de ataque, reconhecimento e apoio aéreo naquela nação da África Oriental.

“Isso demonstra como os EUA permanecem totalmente comprometidos em fornecer treinamento e equipamentos relevantes e oportunos para reforçar as capacidades das KDF”, disse o Major-General do Exército dos EUA Michael D. Turello, comandante-geral da Força-Tarefa Conjunta para o Corno de África.

Os EUA fizeram a entrega dos seis helicópteros MD 530F Cayuse Warrior ao Comando Conjunto de Helicópteros do Exército do Quênia, no Quartel Embakasi, em Nairobi, numa cerimónia de entrega havida no dia 23 de Janeiro de 2020.

“A parceria com as Forças de Defesa do Quênia é uma das nossas mais importantes parcerias na África e peça-chave na África Oriental”, disse Turello. “Agradecemos a sua liderança contínua contra forças que nos querem prejudicar.”

O processo de venda dos helicópteros começou em 2016 e teve a aprovação do Departamento de Estado dos EUA em 2017. A venda sublinha o compromisso de ambas as nações com a paz e a estabilidade na África Oriental.

Ao todo, o acordo inclui 12 helicópteros; seis serão entregues mais tarde às KDF. De acordo com a Agência de Cooperação de Segurança da Defesa (DSCA), a aeronave foi transformada em arma para incluir 24 sistemas pesados de cápsulas de metralhadora 400, 24 lançadores de mísseis M260, 4.032 mísseis M151, 1.536 mísseis de ogiva de sinalização de fumaça M274 e 400.000 cartuchos de munição de calibre 50.

O acordo também inclui equipamentos de navegação e comunicação, treinamento, suporte logístico dos contratados, assistência técnica do governo dos EUA e suporte para peças sobressalentes de sistemas estruturais e de armas, entre outras coisas, disse a DSCA. O custo total do pacote é estimado em US \$ 253 milhões.

O fabricante MD Helicopters diz que o MD 530F tem uma velocidade máxima de cruzeiro de quase 250 quilómetros por hora e pode aproximar-se de altitudes de apenas mais de 4,8 quilómetros. Cada helicóptero tem mais de 7 metros de comprimento e pode acomodar dois membros da tripulação nos controlos e dois passageiros na cabine de trás.

“Este evento não é apenas o culminar da jornada que começou em 2016, mas também um marco para a nossa Força Aérea modernizar as Forças de Defesa do Quênia”, disse o general Samson Mwathethe, chefe das KDF, na cerimónia de entrega. “A integração do MD 530F no nosso inventário contribuirá muito para melhorar a nossa capacidade de operar e continuar o nosso envolvimento na segurança, e agradecemos esta conquista através da cooperação com os nossos aliados.” □



O General Samson Mwathethe, chefe das Forças de Defesa do Quênia, cumprimenta o Major-General do Exército dos EUA Michael D. Turello, durante a entrega.



Pilotos quenianos designados para o Comando Conjunto de Helicópteros dão uma palestra sobre o helicóptero MD 530F Cayuse Warrior.



AFP/GETTY IMAGES

Quênia Procura

PRESERVAR LÍNGUAS EM VIAS DE EXTINÇÃO

VOZ DA AMÉRICA

Em África, centenas de línguas indígenas estão prestes a extinguir-se. Isso inclui pelo menos 13 línguas do Quênia. Grupos da sociedade civil queniana estão a propor uma lei para ajudar a preservar e salvaguardar esses dialetos que estão a desaparecer.

Leriman Letiko, de 102 anos de idade, está a transmitir conhecimentos de uma cultura e um dialecto que podem estar perto do seu fim. Letiko e seu irmão de 95 anos de idade, Leteyon, são os únicos que restam numa tribo de cerca de 10.000 que falam fluentemente Yakunte.

A organização cultural das Nações Unidas UNESCO classifica a língua Yakunte como extinta, mas os Yaaku, uma tribo indígena na Floresta Mukogodo e seus arredores em Laikipia, um condado na região central do norte do Quênia, estão a lutar para mantê-la viva.

“Tanto a minha mãe como a minha avó falavam Yakunte”, disse Letiko. “O período em que começámos a interagir mais e a casarmos com os Maasai, foi quando a língua começou a perder-se. Quando nos casamos numa tribo diferente, adoptámos as suas línguas.”

A maioria dos Yaakus agora fala Kimaasai, a língua

dos seus vizinhos Laikipia Maasai. Letiko tem usado a tradição oral para transmitir o conhecimento linguístico e cultural para o seu filho e outros Yaakus. Ele diz que a única forma de salvar o dialecto Yakunte é introduzindo-o nas escolas locais.

Os grupos da sociedade civil e o Ministério dos Desportos, Cultura e Artes do Quênia elaboraram o projecto de lei para documentar e promover as línguas indígenas do país.

Kimani Njogu, um linguista que também é membro da Academia de Línguas Africanas, diz que as línguas podem morrer como qualquer outra coisa.

“Devido à globalização e urbanização bem como ao facto de não termos uma transferência muito sistemática de línguas entre gerações, temos pessoas mais velhas que não transmitem a sua língua para os mais jovens, bem como sistemas de educação onde certas línguas dominam o ensino, pelo que um grande número de línguas está em perigo.”

Njogu acrescenta que as tecnologias de informação devem ser usadas para captar essas línguas antes que elas desapareçam.

O Cinema do Sudão

TENTA VOLTAR À VIDA

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

Tal Afifi trabalhou durante anos para reviver o cinema sudanês, que definiu ao longo de três décadas de governo autoritário. Com a queda do autocrata de longa data, Omar al-Bashir, ele vê uma nova esperança.

Quando Afifi participou num festival de curta-metragem em 2008, em Munique, na Alemanha, o filme vencedor — um documentário iraquiano filmado numa Handycam — inspirou-o a voltar para casa e criar um centro de formação e uma casa de produção.

“Quería lembrar às pessoas que existe um lugar chamado Sudão, que já foi renomado no campo do cinema, e que ainda está apaixonado por essa arte”, disse.

A Sudan Film Factory, sediada numa vila suburbana de Cartum, desde então, formou mais de 300 jovens de ambos os sexos na produção cinematográfica.

Actualmente, depois da destituição de Bashir, em Abril de 2019, Afifi e seus colegas esperam que o cinema ganhe um novo impulso.

O cinema sudanês remonta à produção do primeiro filme mudo em 1898, alguns anos depois da invenção das imagens em movimento, de acordo com o director veterano Ibrahim Shaddad.

Em 1946, uma frota de cinemas móveis viajava pelo país exibindo filmes a céu aberto no período da noite.

Na década de 1980, o Sudão tinha mais de 60 salas de cinema que exibiam filmes de Hollywood, Bollywood, assim como filmes árabes. Mas a tomada do poder de Bashir em 1989 paralisou a indústria.

Em 1996, o regime islâmico conservador de Bashir havia



Ahmad Faysal, gestor de logística da Sudan Film Factory, afixa um cartaz de filme em Cartum. AFP/GETTY IMAGES

fechado a maioria das salas de cinema do país. Além disso, um embargo comercial americano dificultou a importação de filmes estrangeiros, a actualização de software antigo ou a aquisição de equipamentos.

Suleiman Ibrahim, presidente do Sudanese Film Group, disse que o governo de Bashir havia enviado muitos cineastas para o exílio.

Apesar desses obstáculos, Afifi e sua equipa mantiveram a arte viva, exibindo documentários e filmes estrangeiros em terraços na capital.

O exército depôs Bashir em Abril de 2019, num golpe de Estado depois de meses de protestos.

A sua deposição deu aos entusiastas do cinema uma nova esperança de reviver a produção cinematográfica sudanesa. “Agora estamos a falar sobre restaurar as salas de cinema, mudar leis e estabelecer institutos de cinematografia”, disse Afifi.



Fãs Doam 450.000 Dólares para Salvar Equipa de Futebol

O Club Africain celebra depois de marcar um golo na final da Copa da Tunísia de 2017. O Club Africain ganhou o torneio.

AFP/GETTY IMAGES

NOTÍCIAS DA BBC EM [BBC.CO.UK/NEWS](https://www.bbc.co.uk/news)

Adeptos do Club Africain da Tunísia doaram mais de US \$ 450.000 num dia numa luta para salvar o clube que enfrenta problemas financeiros. Entre os doadores está um fã cego que escolheu renunciar ao medicamento para o qual estava a economizar para poder ajudar a sua amada equipa.

O Club Africain, que é o segundo clube de futebol mais antigo da Tunísia e uma das equipas mais conhecidas de África, perdeu seis pontos e foi sancionado financeiramente devido ao não pagamento de salários a ex-jogadores.

Para ajudar o clube, que foi criado em 1920, a Federação

Tunisina de Futebol criou um comité de gestão de crises de modo a poupá-lo de novas sanções.

Em Outubro de 2019, a federação criou uma conta bancária para os fãs doarem dinheiro para ajudar a quitar a dívida, tendo arrecadado US \$ 1 milhão até agora, incluindo os US \$ 450.000 de um só dia. A federação estima a dívida total em quase 6 milhões de dólares.

Numa campanha de 24 horas, crianças chegaram com mealheiros, e o adepto cego entregou as suas economias, pelas quais ele foi homenageado com uma camisa assinada.



Autoridades da Costa do Marfim Resgatam 137 VÍTIMAS DE TRÁFICO DE CRIANÇAS

VOZ DA AMÉRICA

As autoridades da Costa do Marfim dizem que resgataram 137 vítimas de tráfico de crianças que foram preparadas para trabalhar nas plantações de cacau ou na prostituição.

A polícia resgatou as crianças depois de cercar a cidade oriental de Aboisso e realizar uma busca de dois dias em carros, quintas e aldeias próximas.

As autoridades dizem que as crianças tinham idades compreendidas entre os 6 e os 17 anos e foram trazidas para a Costa do Marfim a partir do Benin, Gana, Níger, Nigéria e Togo. As vítimas ficaram sob os cuidados de uma instituição de caridade em Aboisso, enquanto as autoridades procuravam os pais.

Oficiais superiores da polícia dizem que planeiam aumentar as operações para parar o tráfico de crianças.

“A imagem da Costa do Marfim é manchada pelo tráfico de crianças”, disse Kouadio Yeboue Marcellin, Vice-Chefe da Polícia de Aboisso. “Apelamos a todos os pais: O lugar de uma criança é na escola e não nas plantações.”

A Costa do Marfim depende das culturas de cacau e caju, e os agricultores pobres dependem da mão-de-obra barata para colher sementes e castanhas.

Empresas internacionais de chocolate, como Nestlé e Hershey, comprometeram-se a parar de comprar sementes produzidas por crianças trabalhadoras. Os críticos dizem que tais esforços têm sido modestamente bem-sucedidos.

Sementes de cacau a serem colhidas numa quinta em Azaguie, Costa do Marfim. O país é o maior produtor de cacau do mundo e as autoridades estão a reprimir o uso do trabalho infantil.

REUTERS

EUA E SUDÃO ESTREITAM RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS

VOZ DA AMÉRICA

Durante uma visita histórica a Washington, DC, o primeiro-ministro sudanês, Abdalla Hamdok, disse que um objectivo ganha maior prioridade em relação a todos os outros à medida que ele lidera o governo de transição do país: trazer paz à nação devastada pela guerra.

“A nossa prioridade número um é parar a guerra e construir as bases de uma paz sustentável”, disse. “Essencialmente, para parar o sofrimento do nosso povo nos campos de PDI [pessoas deslocadas internamente] e nos campos de refugiados. Achamos que o momento oportuno para parar esta guerra é agora.”

Hamdok disse que ficou animado com a resiliência em exposição quando visitou o campo de Zam Zam para pessoas deslocadas internamente em Darfur, onde uma guerra que começou em 2003 nunca parou completamente.

Ao contrário da administração do seu antecessor, Omar al-Bashir, o governo de Hamdok comprometeu-se a permitir o acesso irrestrito das organizações humanitárias aos necessitados.



Hamdok visitou a capital dos EUA para melhorar o relacionamento do Sudão com os EUA, que foi forçado a não existir durante o reinado de 30 anos de al-Bashir, que foi destituído pelos militares, em Abril de 2019, depois de meses de protestos em massa.

Um dos objectivos de Hamdok é que os EUA removam o Sudão da lista de Estados patrocinadores do terrorismo. O Sudão foi colocado na lista em 1993, quando Osama bin Laden, fundador da al-Qaida, morava em Cartum.

Embora o Sudão ainda esteja na lista, os dois países concordaram em estreitar as relações diplomáticas e fazer a troca de embaixadores. Autoridades americanas disseram que o processo de remoção do Sudão da lista de terroristas será longo. Hamdok sublinhou que o seu país está disposto a cumprir os requisitos, o que pode incluir o pagamento de restituições às vítimas de ataques terroristas.

“Nós, sudaneses como povo, nunca apoiamos o terrorismo antes. Foi um antigo regime que apoiou isso”, disse. “Nós também somos como nação vítimas do terrorismo que nos foi infligido pelo regime. Mas aceitamos isso como uma responsabilidade corporativa. E estamos a negociar.”



FRANÇA E REINO UNIDO COMPROMETEM-SE A CONTINUAR A LUTA CONTRA O EXTREMISMO NO SAHEL

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

Os chefes das forças aéreas francesas e britânicas juraram prosseguir na luta conjunta contra extremistas no coração do Sahel, mesmo quando a sombra do Brexit pairava sobre os seus países.

“Temos uma longa e fabulosa história de trabalhar lado a lado, e não espero que algo mude tão cedo”, disse o Chefe da Força Aérea Real, Mike Wigston, à AFP, numa visita à cidade de Gao, no Mali, com o homólogo francês Philippe Lavigne. “Se houver alguma coisa, vamos trabalhar mais forte juntos.” Apoiada por 100 funcionários britânicos, a França tem uma força do Sahel de 4.500 homens apoiando exércitos nacionais que lutam contra uma insurgência extremista de 7 anos.

Milhares de civis foram mortos e centenas de milhares fugiram das suas casas. Wigston disse que Mali e seus vizinhos são “a linha de frente da instabilidade.”

A Operação Barkhane da França treina e apoia as forças locais, que têm recursos limitados e enfrentam desafios orçamentais.

A Grã-Bretanha e a França assinaram um pacto de cooperação em defesa, na cidade de Londres, em 2010, e ambas as partes têm repetidamente dito que não será afectado pelo Brexit, a decisão do Reino Unido de deixar a União Europeia.

Desde Julho de 2018, Londres contribuiu com três helicópteros pesados Chinook para a luta do Sahel na França. Em Dezembro de 2019, eles registaram mais de 1.600 horas de tempo de voo e transportaram cerca de 11.000 funcionários e 800 toneladas métricas de carga.

Os helicópteros de rotor duplo podem transportar quase 4 toneladas métricas de suprimentos e mais de 30 tropas de cada vez — uma contribuição vital numa região onde o acesso rodoviário para as tropas da linha da frente é longo e perigoso, com alto risco de minas e ataques de milícias.

O apoio do helicóptero “permite que nos dediquemos a missões de combate aéreo, enquanto os nossos camaradas britânicos fornecem logística, reabastecimento e transporte de tropas”, disse o coronel Loic, que lidera o grupo de combate aéreo francês Barkhane, no Mali.

O Chefe da Força Aérea Britânica, Mike Wigston, dirige-se às tropas francesas e aos pilotos britânicos a frente de um helicóptero CH-47 Chinook britânico destacado para Gao, Mali, em apoio à Operação Francesa Barkhane.

ESTADOS UNIDOS E GANA FORTALECEM PARCERIA

O COMANDO AFRICANO DOS ESTADOS UNIDOS

O Comando Africano dos Estados Unidos (AFRICOM, acrónimo inglês) recebeu membros seniores das Forças Armadas do Gana (GAF) para discutir a planificação da defesa e segurança a longo prazo.

Representantes dos cinco comandos componentes do AFRICOM, do Departamento de Defesa dos EUA, do Departamento de Estado dos EUA, da Embaixada dos EUA no Gana e das Forças Armadas do Gana participaram e discutiram com o Gana os objectivos de treinamento de três a cinco anos dos comandos componentes.

“As Forças Armadas do Gana são bem conhecidas na África Ocidental como forças armadas profissionais”, disse o major-general ganês, Thomas Oppong-Peprah, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas. “Temos valores semelhantes e respeitamos os direitos humanos. ... Os EUA sabem disso e nos vêem como um parceiro.”

Os planos incluem o acolhimento por parte do Exército dos Estados Unidos em

África num exercício de prontidão médica para melhorar a capacidade das GAF de prevenir a propagação de doenças infecciosas. As Forças Navais dos Estados Unidos em África ajudaram a melhorar o Centro Operacional Marítimo da Marinha de Guerra do Gana, que fornece consciência de domínio constante para fazer cumprir as leis marítimas.

O treinamento médico “realmente ajudou a nossa nação a ajudar a prevenir doenças no Gana e nos nossos vizinhos”, disse Oppong-Peprah. “Temos a capacidade de ir para outros países e ajudar.”

Outros objectivos do plano incluem as Forças Aéreas dos Estados Unidos em África na ajuda a Força Aérea do Gana a expandir as suas operações para apoiar a rápida implantação de forças e evacuações médicas aéreas. A Força de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos para Europa e África procura apoiar a capacidade do Esquadrão Especial de Barcos da Marinha do Gana de

Major-General Thomas Oppong-Peprah, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas do Gana
AFRICOM

dissuadir e responder ao crime marítimo, como tráfico de pessoas e drogas, pirataria e pesca ilegal.

O Comando de Operações Especiais dos Estados Unidos para África incorporou as GAF na planificação em o exercício Flintlock 2020 no sentido de ajudar os países africanos a combater organizações extremistas violentas, proteger as fronteiras e garantir a segurança.

“Alguns exércitos em África não têm a capacidade de garantir a sua própria segurança ou a capacidade de exportar segurança para toda a região, mas nós construímos essa capacidade ao longo do tempo para ajudar outros países”, disse Oppong-Peprah. “Reconhecemos que é fundamental que os países africanos se complementem mutuamente ao garantir e manter a paz.

Marinha de Guerra de Moçambique Intercepta Carregamento de Heroína em Grande Escala

NOTÍCIAS DA BBC EM [BBC.CO.UK/NEWS](https://www.bbc.com/news)



Suspeitos de tráfico incendeiam uma embarcação perto da costa de Moçambique depois de terem sido interpelados pelas autoridades moçambicanas.

FORÇAS DE DEFESA DE MOÇAMBIQUE

As autoridades moçambicanas detiveram 12 iranianos suspeitos de transportar drogas ao largo da costa da província de Cabo Delgado, no norte do país.

O barco foi interceptado em Dezembro de 2019 numa operação conjunta realizada pela Marinha de Guerra de Moçambique e pelo Serviço Nacional de Investigação Criminal (SERNIC).

As autoridades interceptaram o barco a cerca de 50 quilómetros da costa de Moçambique. Dizem que os suspeitos atearam fogo no barco momentos antes de serem presos.

A polícia diz que o fogo destruiu cerca de 1,5 toneladas de heroína suspeita de estar a bordo.

Os tripulantes da embarcação saltaram para o Canal de

Moçambique e foram resgatados pela Marinha de Guerra.

Os suspeitos ficaram detidos na capital provincial, Pamba.

A imprensa local indica que a operação resultou de informações obtidas de várias agências utilizando vigilância aérea financiada pelos EUA envolvida no combate ao narcotráfico.

“Infelizmente, a sociedade ainda está cercada por um mal enorme e universal; estamos a falar da corrupção”, disse o director-geral da SERNIC, Domingos Jofane, à imprensa local. “É por isso que lutamos contra ela no nosso seio com toda a nossa força, e a nossa mensagem é que os nossos colegas devem lutar pelo rigor todos os dias no desempenho das suas funções.”

NIGÉRIA FORMA PARCERIA COM VIZINHOS PARA COMBATER O CONTRABANDO

REUTERS

A Nigéria e seus vizinhos Benim e Níger concordaram em criar uma força conjunta de patrulhamento fronteira para combater o contrabando naqueles países da África Ocidental.

Os ministros dos Negócios Estrangeiros dos três países reuniram-se para debater sobre o contrabando depois que a Nigéria, que tem a maior economia e a maior população de África, decidiu fechar as suas fronteiras terrestres para o comércio até pelo menos 31 de Janeiro de 2020.

A Nigéria levou a cabo um encerramento parcial das fronteiras para combater o contrabando de arroz e outras mercadorias. Depois disso, todo o comércio através das fronteiras terrestres foi interrompido indefinidamente.

O comunicado conjunto da reunião havida na capital da Nigéria, Abuja, refere que as delegações do Benim e do Níger apelaram para a reabertura imediata das fronteiras.



Pessoas caminham na estrada principal para os postos fronteiriços conjuntos Nigéria-Benin, 2018. AFP/GETTY IMAGES

As preocupações foram anotadas, e os delegados concordaram com o “estabelecimento de uma equipa conjunta de patrulha de fronteira composta pela polícia, alfândega, imigração, marinha de guerra e serviços de segurança de Estado dos três países”, lê-se no comunicado.

Os delegados também concordaram que os ministros das finanças e do comércio dos países criariam um comité para promover o comércio intra-regional, e disseram que garantiriam que as pessoas que cruzassem as suas fronteiras exibiriam documentos de viagem reconhecidos pelo bloco regional da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental.

Desde a sua tomada de posse, em 2015, o Presidente da Nigéria, Muhammadu Buhari, introduziu políticas destinadas a reprimir as importações e o contrabando, a fim de impulsionar a produção local. Apesar de ser o maior produtor de petróleo bruto de África, a Nigéria importa a maior parte do seu combustível refinado devido ao estado moribundo das suas refinarias.

Cerca de 10 a 20 por cento do combustível nigeriano é contrabandeado para países vizinhos, de acordo com a Associação dos Principais Comerciantes de Produtos Petrolíferos da Nigéria, porque a gasolina é fortemente subsidiada no país e os preços são mais elevados nos países vizinhos.

Camarões Destroi Transporte de Armas Ilegais

VOZ DA AMÉRICA

Os militares dos Camarões prenderam várias dezenas de homens e destruíram centenas de armas artesanais que circulavam na fronteira norte com o Chade e a Nigéria. Num evento público, um compactador militar esmagou mais de 2.500 armas, munições e outras armas que os militares dizem que apreenderam de contrabandistas, sequestradores, caçadores furtivos e suspeitos de Boko Haram.

Regine Esseneme, chefe do Departamento de Justiça dos Camarões, na cidade de Garoua, no norte do país, disse que quer enviar uma mensagem clara de que não haverá refúgio seguro para criminosos que operam na região fronteira dos Camarões, Chade e Nigéria. Ela disse que os três países estão a trabalhar juntos para acabar com os sequestradores e caçadores que usam armas ilegalmente.

Jean Abate Edii, governador da Região Norte dos Camarões, disse que as armas foram apreendidas depois de vários ataques a bairros e aldeias suspeitos de serem esconderijos de criminosos que operam nos Camarões e nos países vizinhos.

O bloco regional de seis nações conhecido como Comunidade Económica e Monetária Centro-Africana, ou CEMAC, culpou a proliferação de armas ligeiras e de pequeno calibre pelos conflitos armados e actividades criminosas e terroristas na África Ocidental e Central.

O número de armas nos Camarões foi classificado como moderado numa pesquisa levada a cabo pela Universidade de Sydney, em 2017, sobre a política de armas, classificando o Estado da África Central em 99º lugar, dum universo de 178 nações. Ainda assim, mais de 500.000 armas são consideradas como sendo propriedade legal ou ilegal de civis, e a maioria dos proprietários são encontrados ao longo da fronteira porosa com a Nigéria.

Autoridades em Maiduguri, Nigéria, exibem armas e munições apreendidas de extremistas. As armas que circulam na região da Bacia do Lago Chade têm sido uma fonte contínua de instabilidade nos últimos anos. THE ASSOCIATED PRESS



Sudão Cuida das Pirâmides **PARA ATRAIR TURISTAS**



REUTERS

Aarquitecta portuguesa, Tânia Monteiro, e o seu marido estão quase sozinhos enquanto visitam as pirâmides do Sudão, uma atracção de classe mundial há muito negligenciada pelo mundo.

“As pessoas são muito, muito agradáveis, sempre muito acolhedoras”, disse Monteiro numa visita a Méroe, uma cidade antiga na margem leste do rio Nilo, cerca de 200 quilómetros a nordeste da capital, Cartum.

Embora menores, o Sudão tem mais, pirâmides do que o Egito, mas atraiu apenas cerca de 700.000 turistas em 2018, em comparação com 10 milhões no seu vizinho do norte.

Conflitos e crises sob o ex-governante Omar al-Bashir, um regime de vistos difícil e a falta de estradas e hotéis fora de Cartum tornaram o Sudão um destino turístico improvável. Mas desde que al-Bashir perdeu o poder, em Abril de 2019, o governo civil de transição está a facilitar as regras de vistos para atrair mais visitantes a lugares, como as Pirâmides Reais de Méroe.

Como os egípcios, a dinastia Nubian Kush, que

governou a área 2.500 anos atrás, enterrou membros da família real em túmulos de pirâmides. Perto das pirâmides de Méroe encontra-se uma série de templos com desenhos antigos de animais e da antiga cidade de Naga, e há mais pirâmides mais ao norte em Jebel Barka.

O governo começou a relaxar o sistema de vistos, incluindo a retirada de uma autorização necessária para viajar para fora de Cartum. As entradas caíram em 2019 devido à agitação, mas espera-se que os números excedam 900 mil em 2020 e possam chegar a 1,2 milhão em 2021.

O Sudão precisa de turistas depois de décadas de isolamento e hiperinflação. Em Méroe, graças ao dinheiro do Catar e à experiência alemã, foi criado um centro de visitantes que explica a história do Sudão e das pirâmides. Há trilhos para caminhadas e um novo centro de recepção.

Os visitantes agora podem entrar para dentro das pirâmides e brevemente poderão entrar em sepulcros que estão no subsolo, parte da ajuda de 135 milhões de dólares do Qatar. Várias pirâmides serão restauradas após décadas de negligência.

Guias esperam por turistas nas pirâmides de Méroe a norte de Cartum, Sudão.

THE ASSOCIATED PRESS

CLÍNICA DO MALAWI ENTRE AS MELHORES DO MUNDO

VOZ DA AMÉRICA

Grace Chakudza deu à luz, em Novembro de 2019, um menino saudável — o seu quarto filho — na Clínica Comunitária Achikondi. Foi inaugurada em 2008 para ajudar as mulheres pobres a darem à luz em segurança.

Desde então, a clínica realizou mais de 8.800 partos bem-sucedidos sem a perda de mãe ou filho, de acordo com o seu fundador. É um número recorde no Malawi, onde o Fundo das Nações Unidas para a Infância diz que a taxa média de mortalidade por 1.000 nascimentos é de 22 mortes para bebês e seis para mães.

Chakudza agradece pelos cuidados que recebeu da clínica. “Há uma grande diferença”, disse. “Há congestionamento nos hospitais públicos. As mulheres dão à luz no chão. E, às vezes, uma enfermeira é responsável por três mães grávidas. Isto compromete a saúde das mães e dos filhos. Mas aqui recebi um bom tratamento.”

O número de partos bem-sucedidos relatados pela clínica significa que supera não só a média global de 17 mortes de recém-nascidos por mil nascimentos, mas também a média de nações ricas.

A Grã-Bretanha concedeu este ano à fundadora da clínica Charity Salima o prémio Commonwealth Points of Light Award, chamando-a de Florence Nightingale do Malawi, a fundadora inglesa da enfermagem moderna.

Salima atribui o mérito à forma como a clínica lida com emergências médicas.



Charity Salima pesa uma criança na Achikondi Community Clinic em Lilongwe, Malawi. LAMECK MASINA/VOZ DA AMÉRICA

“Todo este sucesso chegou porque podemos fazer transferência sempre que houver uma complicação o mais rápido possível”, disse Salima. “Detecção precoce de qualquer anormalidade e de qualquer transferência — isso é o que nos tornou bem-sucedidos.”

Os serviços na clínica são gratuitos. A instalação foi construída com doações da Escócia e da Organização Norueguesa de Enfermeiros. A instituição de caridade norte-americana Freedom From Fistula Foundation, que ajuda a tratar lesões no parto, financia a clínica.

Apesar da sua boa reputação, Salima diz que a clínica tem desafios. Por vezes, carece de recursos financeiros, e a energia solar pode ajudar porque o serviço de electricidade, às vezes, é inconsistente.



Adolescente Camaronesa Ganha PRÉMIO INTERNACIONAL

NOTÍCIAS DA BBC EM [BBC.CO.UK/NEWS](https://www.bbc.co.uk/news)

Divina Maloum, de quinze anos de idade, dos Camarões, ganhou um prémio internacional de paz para crianças pelo seu trabalho com jovens que sofreram violência extremista, particularmente no norte do seu país.

O prémio foi atribuído pela organização holandesa KidsRights, que afirma querer que as crianças sejam reconhecidas pelos seus esforços para melhorar a sua própria situação.

Em 2014, a adolescente camaronesa fundou o movimento Crianças pela Paz para trabalhar com crianças vítimas de terror. Ela vai às comunidades para falar com as crianças sobre os seus direitos e dizer-lhes que não precisam de ser atraídas para a violência.

“Quando olho nos olhos dessas crianças, vejo tristeza; elas estão realmente a sofrer”, disse. “Espero que eu e os meus amigos mudemos as suas vidas.”

Boko Haram, um grupo terrorista com sede na Nigéria, vem realizando ataques na fronteira dos Camarões desde 2014. O grupo frequentemente recruta crianças, particularmente meninas, para realizar ataques. Um vídeo produzido pela KidsRights mostra Maloum avisando jovens camaroneses para não se envolverem.

Ela pode ser vista a exibir um desenho animado com o título “Não sou um herói quando carrego bombas”, que mostra uma jovem a negar usar um colete suicida.

“Damos-lhes esperança e coragem para serem fortes contra os ataques desses grupos terroristas”, afirmou.

Maloum “organizou um acampamento de paz intercomunitário para crianças, estabeleceu clubes de paz em mesquitas e, juntamente com outras crianças, fez uma declaração infantil contra o extremismo violento”, disse KidsRights.

Ao aceitar o prémio em Haia, ela disse que “para acabar com a violência e construir a paz precisamos de crianças”, e ela dedicou o seu prémio “a todas as crianças que estão a sofrer atrocidades devido à guerra.”

A activista da paz, Divina Maloum, dos Camarões, recebe o Prémio Internacional da Paz Infantil 2019 das mãos de Kailash Satyarthi, da Índia, laureada com o Prémio Nobel e activista dos direitos das crianças.

AFP/GETTY IMAGES

África Perto de Erradicar a Pólio

EQUIPA DA ADF

A África está prestes a ser declarada livre de poliomielite depois de três anos sem quaisquer casos registados da doença.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) disse, em Agosto de 2019, que a Nigéria havia ficado três anos sem nenhum caso do vírus selvagem da poliomielite, chamando-o de “um marco importante.” Se não surgirem mais casos nos próximos meses, a África poderá ser oficialmente declarada livre de pólio em 2020. O último caso foi registado no Estado de Borno, em Agosto de 2016.

A América do Norte e do Sul eliminaram a pólio há mais de 20 anos. A doença matou e incapacitou centenas de milhares de pessoas em todo o mundo.

O Dr. Matshidiso Moeti, director

regional da OMS para África, disse ao *The Guardian*: “Estamos confiantes de que em breve estaremos a anunciar a certificação de que os países, de uma vez por todas, expulsaram a pólio da África.”

A Nigéria foi uma das últimas regiões do mundo com casos de pólio. Em 2012, 200 crianças na Nigéria tiveram poliomielite — mais de metade de todos os casos a nível global. O grupo extremista Boko Haram foi responsabilizado pelos casos de poliomielite na parte nordeste do país porque impediu os profissionais de saúde de vacinar crianças nessa região. O grupo agora controla muito menos território.

Em 2015, o presidente nigeriano, Muhammadu Buhari, deu publicamente a um dos seus netos gotas da

vacina contra a pólio, anunciando que a sua administração faria “tudo o que estiver ao seu alcance para garantir que nenhuma criança nigeriana seja infectada com pólio novamente.”

Para que a África seja certificada como livre de pólio, uma equipa de especialistas independentes terá que avaliar os sistemas de vigilância em todo o continente, certificando-se de que nenhum caso passe despercebido e que não haja lacunas na monitoria.

O vírus ainda existe no Paquistão e no Afeganistão. Esses países terão de erradicá-la antes que o mundo seja declarado livre de poliomielite.

Uma criança recebe uma injeção de vacina contra a poliomielite em 2019 em Uganda.

AFP/GETTY IMAGES





Empresa Nigeriana Faz o Mapeamento do DNA do Continente

NOTÍCIAS DA BBC EM BBC.CO.UK/NEWS

Os africanos negros estão em desvantagem no que diz respeito aos tratamentos médicos, porque representam apenas 2 por cento das amostras genéticas utilizadas para a investigação farmacêutica. Uma nova empresa de genómica baseada na Nigéria quer mudar esse facto.

De acordo com Abasi Ene-Obong, fundador e PCA da startup de biotecnologia 54gene, africanos negros e pessoas de ascendência negra são mais geneticamente diversificados do que todas as outras populações do mundo combinadas, tornando a sua informação genética “um enorme recurso a ser aproveitado.”

Ele criou um laboratório de pesquisa genética na maior cidade da Nigéria, Lagos, onde a sua equipa analisou 40.000 amostras de dados de DNA até ao final de 2019. A equipa espera analisar 100.000 amostras até ao final de 2020.

Ene-Obong disse que o conhecimento do papel que a genética desempenha nas doenças ajudará a desenvolver o tratamento relevante.

“Os medicamentos nem sequer são feitos tendo em conta os africanos”, disse. “Eles não são testados clinicamente com uma população africana, então, o que se tem são medicamentos com menor eficácia para populações africanas e com perfis de segurança mais pobres.”

Os novos medicamentos também levam tempo para chegar à África — às vezes, 15 a 20 anos, disse Ene-Obong. Ele disse que a maneira de corrigir esse atraso é aumentar o acesso aos dados genómicos das populações africanas para promover a pesquisa científica inclusiva.

“Isso proporcionará a optimização dos tratamentos e resultados diagnósticos que não só tratarão os africanos, mas também todos os outros”, disse ele.

Esta escassez de estudos genéticos em diversas populações tem implicações na previsão de risco de doenças em todo o mundo.

Notas de Dólar Zimbabweano Emitidas Novamente

NOTÍCIAS DA BBC EM BBC.CO.UK/NEWS

Formaram-se filas fora dos bancos do Zimbabwe enquanto as pessoas esperavam para obter as primeiras notas de dólar zimbabweano emitidas desde 2009.

A moeda foi abolida há uma década porque a hiperinflação fez com que os preços duplicassem quase que diariamente.

O banco central do Zimbabwe espera que as novas notas aliviem uma grave escassez de dinheiro à medida que o país sofre uma crise económica cada vez maior. O banco desqualificou os receios de que a mudança irá alimentar mais a inflação. A inflação no Zimbabwe atingiu 300 por cento em Agosto de 2019 — a taxa mais alta do mundo.

O Banco Central do Zimbabwe insiste que as notas de 2 e 5 dólares zimbabweanos não aumentarão a oferta monetária global. As notas deverão substituir o dinheiro que foi guardado electronicamente.

Depois que o país aboliu a sua própria moeda em 2009, os zimbabweanos dependiam do dólar americano, do rand sul-africano, de outras moedas estrangeiras, notas de títulos e uma moeda electrónica chamada dólar de Liquidação por Bruto em Tempo Real (LBTR).

Os bancos limitaram o número de dólares que cada cliente deve levantar. Em 2016, o governo introduziu as notas e moedas de títulos, que deveriam ser equivalentes ao dólar americano, para compensar a escassez de dinheiro em dólares. Mas ninguém tinha fé de que eram equivalentes em valor e, no mercado negro, as notas de títulos perderam valor em relação ao dólar americano.

Em Fevereiro de 2019, o governo introduziu o dólar LBTR, que foi descrito como uma nova moeda, mas só existia electronicamente. O dólar americano e outras moedas estrangeiras foram banidos no final do ano pelo banco central, apontando a necessidade de voltar à normalidade.

O governo diz que as novas notas irão aliviar a escassez de dinheiro que tem deixado a maioria das pessoas incapazes de levantar o seu salário e poupanças.



Novas Notas de 2 Dólares Zimbabweanos
AFP/GETTY IMAGES

O Reino de Axum

EQUIPA DA ADF

O Reino de Axum, também conhecido como Aksum, foi o primeiro a fazer muitas coisas na África Subsaariana. Foi o primeiro reino a cunhar a sua própria moeda. Criou a sua própria linguagem escrita, chamada Ge'ez, que ainda está em uso na Etiópia hoje. O seu rei foi o primeiro a adoptar o cristianismo como religião oficial. E Axum dominou o comércio no Corno de África e ao longo do Mar Vermelho durante séculos.

Embora o reino date do século I d.C., a sua época de maior influência e prosperidade foi do século III ao século VI. O reino durou até ao século VIII. Ocupou a região que hoje é Djibuti, Eritreia, Etiópia, Somália e Somalilândia.

Pode ter sido inevitável que o Reino de Axum prosperasse. A região foi abençoada com ricas terras agrícolas, zonas de pastagem livres de doenças e estações chuvosas confiáveis. A sua localização no Corno de África tornou-o ideal como um centro comercial regional. Axum negociava principalmente ouro e marfim,

mas também chifre de rinoceronte, sal, pedras preciosas — e escravos. Comerciantes árabes trocavam tecidos, espadas, vinho e azeite.

Com a riqueza acumulada através do comércio, o reino construiu um exército forte, com um rei substituindo uma rede de chefes regionais. As tribos subjugadas mantiveram alguma independência, mas tiveram que pagar impostos, geralmente na forma de centenas de cabeças de gado.

O rei de Axum tomou o título de “Negusa Negast”, ou “Rei dos Reis”, que alguns historiadores acreditam ter indicado que ele permitiu que os seus líderes tribais se considerassem “reis juniores” e continuassem a governar o seu povo.

Uma região do Axum usou uma língua escrita chamada Sabaean, uma língua semítica do Médio Oriente. As outras partes do reino usavam o grego. Axum desenvolveu a sua própria linguagem escrita, com os primeiros exemplos encontrados em placas de pedra por volta do século II. Ge'ez tem caracteres para vogais e consoantes e é lido da esquerda para a direita, tal como as línguas ocidentais.

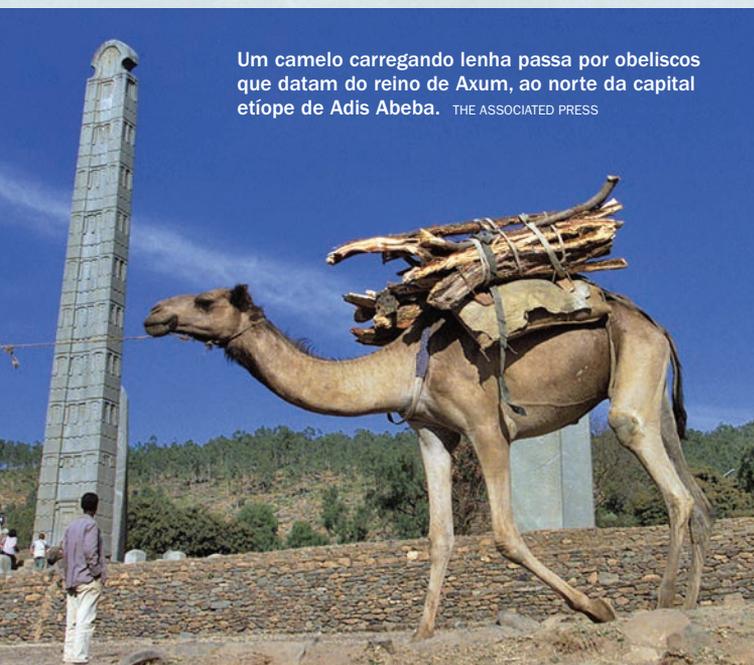
Axum tornou-se o primeiro reino subsaariano com a sua própria casa da moeda, um resultado da exposição a tantas culturas avançadas como um centro comercial. As primeiras moedas, em ouro e prata, foram produzidas no século III e tinham inscrições gregas com símbolos sabeus. Elas foram cunhadas de acordo com pesos padrão de moedas romanas, para torná-las válidas para o comércio exterior. O reino produziu milhares de moedas, a maioria das quais em bronze.

O que os historiadores sabem sobre o reino é baseado em registos escritos escassos que incluem histórias conflitantes. Mas uma forma de rastrear a história do império é através das suas moedas, que apresentavam retratos dos reis que governavam — 20 no total — ao longo de mais de três séculos. Geralmente acompanhavam os retratos duas espigas de milho, e desde o reinado de Ezana I, uma cruz cristã. As moedas têm o nome do rei e um slogan encorajador, como “Paz ao Povo.”

Por possuir moedas próprias, comparáveis àquelas dos impérios mais antigos, mais estabelecidos, Axum tinha declarado que era igual a todas as civilizações existentes. No seu tempo, foi descrito como um dos quatro grandes impérios do mundo.

O declínio do reino começou no final do século VI por várias razões. A política dos reis de permitir que os seus chefes controlassem as suas tribos provou ser um erro, pois os chefes começaram a rebelar-se. A abundante terra entrou em declínio devido ao excesso de culturas, e o Califado Rashidun — muçulmanos árabes — provou ser formidável concorrente comercial no Mar Vermelho e no Golfo de Áden.

O que restava de Axum ressuscitou no século XIII, como o Reino da Abissínia.



Um camelo carregando lenha passa por obeliscos que datam do reino de Axum, ao norte da capital etíope de Adis Abeba. THE ASSOCIATED PRESS



DICAS

- 1 Esta área tem 18 lagos de vários tamanhos, profundidades e cores.
- 2 Estes lagos permanentes num deserto resultam de um aquífero e de um complexo sistema hidrológico que não é totalmente compreendido.
- 3 Alguns dos lagos têm água azul, verde ou avermelhada, o que reflecte a sua composição química.
- 4 Cerca de um terço da superfície dos lagos é coberta com tapetes de caniços verdes flutuantes que contrastam com a água.

PARTILHE O SEU CONHECIMENTO

Deseja ser publicado?

A *Africa Defense Forum (ADF)* é uma revista militar profissional que serve como um fórum internacional para militares e especialistas de segurança em África.

A revista é publicada trimestralmente pelo Comando Africano dos Estados Unidos e aborda temas como estratégias de combate ao terrorismo, operações de defesa e segurança, crime transnacional e questões que afectam a paz, estabilidade, boa governação e prosperidade.

O fórum permite que haja um debate aprofundado e intercâmbio de ideias. Gostaríamos de ouvir a opinião de pessoas das nossas nações parceiras africanas que compreendem os interesses e os desafios do continente. Submeta um artigo para publicação na *ADF* e deixe a sua opinião ser ouvida.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS NA *ADF*

REQUISITOS EDITORIAIS

- A preferência é para artigos com aproximadamente 1.500 palavras.
- Os artigos podem ser editados para se ajustarem ao estilo e espaçamento, mas a *ADF* irá colaborar com o autor quanto às alterações finais.
- Inclua uma pequena biografia sua com informações de contacto.
- Se possível, inclua uma fotografia sua de alta resolução e imagens relacionadas ao seu artigo com legendas e informações sobre os créditos da foto.

DIREITOS Os autores mantêm todos os direitos sobre o seu material original. No entanto, reservamo-nos o direito de editar artigos para que estejam em conformidade com os padrões do AP e do espaço. A apresentação do artigo não garante a sua publicação. Ao contribuir para a *ADF*, você concorda com estes termos.

SUBMISSÕES

Envie todas as ideias de reportagens, conteúdos e dúvidas para a Equipa Editorial da *ADF* através do ADF.EDITOR@ADF-Magazine.com. Ou envie um e-mail para um dos seguintes endereços:



Headquarters, U.S. Africa Command
ATTN: J3/Africa Defense Forum Staff
Unit 29951
APO AE 09751 USA

Headquarters, U.S. Africa Command
ATTN: J3/Africa Defense Forum Staff
Kelley Kaserne
Geb 3315, Zimmer 53
Plieninger Strasse 289
70567 Stuttgart Germany



Notícias Directamente para Si!

Enviamos as mesmas notícias confiáveis e de qualidade sobre segurança a respeito de tópicos importantes conforme for sugerido por si e outros profissionais de segurança directamente para o seu telemóvel. Envie uma mensagem de texto com a palavra "notícias" para +4917610407820 e digamos qual é a sua língua preferida (Inglês, Francês, Árabe ou Português), e receba diariamente cobertura jornalística das mais recentes tendências e tópicos sobre segurança de toda a África.



FIQUE LIGADO

Caso queira ficar ligado nas redes sociais, siga a *ADF* no Facebook, Twitter e Instagram ou pode juntar-se à nossa lista de emails, inscrevendo-se na nossa página da Internet, ADF-Magazine.com, ou enviando um email para News@ADF-Magazine.com.